

## Contribuição para a história da lexicografia bilingue entre as línguas espanhola e portuguesa

*Ignacio Vázquez (Universidade de Barcelona)*

### 1. Introdução

O estudo que se apresenta nas seguintes páginas percorre a lexicografia bilingue entre as línguas espanhola e portuguesa e apresenta os dicionários que confrontam os dois idiomas. Abordar a questão obriga a pesquisar as primeiras obras com essas características, sendo o *Diccionario Español-Portugués* (Lisboa, 1864) de M. Mascarenhas Valdez a obra inaugural. A sua publicação é muito tardia comparada com a lexicografia bilingue europeia iniciada no século XVI, e as causas que explicam esse atraso são diversas<sup>42</sup>.

Após conhecer os antecedentes lexicográficos da obra de M. Mascarenhas Valdez concluir-se-á que a questão radica, em geral, na diferente história interna das duas lexicografias. A *Real Academia Española* [RAE] em Espanha assenta cedo as pautas da lexicografia monolíngue (séc. XVIII) e fixa a ortografia do espanhol. A reacção da chamada lexicografia não académica no século XIX propicia que em Espanha surja uma série de dicionários que modificam e ampliam o dicionário da RAE, matriz dos dicionários monolíngues posteriores até à actualidade. Em Portugal, não existe uma instituição como a espanhola, os primeiros dicionários monolíngues surgem no XIX e a questão ortográfica não está fixada.

Dessas diferenças decorre que, no início da lexicografia bilingue entre os dois idiomas, a obra fonte em ambas as direcções é o *Diccionario de la Lengua Española de la Real Academia Española* [DRAE]. Verificam-se contribuições de outros dicionários (espanhóis e portugueses), contudo, quase até aos fins do século XX (anos 80) a informação e a estrutura do dicionário da régia instituição marcam os dicionários bilingues espanhol-português.

Duas razões assinalam os anos 80 como momento de mudança em relação à prática lexicográfica bilingue; em primeiro lugar, as novas técnicas informáticas possibilitam a composição de dicionários mais rigorosos, e em segundo, tentam aplicar como elementos imprescindíveis o discriminador semântico nas acepções e, nos equivalentes, a frequência de uso como princípio que os determina e não apenas a palavra consagrada pela tradição lexicográfica (embora nem sempre se consiga)<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Não entraremos em pormenor na questão. Veja-se o artigo “Los orígenes (tardíos) de la lexicografía bilingüe español-portugués” (Vázquez, I.) em *ELUA* (Estudios de lingüística), Universidad de Alicante, nº 22 (2009). [Basicamente, a situação sociolinguística de Portugal explicaria o processo: o Humanismo e o latim como língua preponderante, a influência do espanhol durante o Barroco, a dominação filipina e a reacção posterior (*Restauração*); finalmente, as ideias do Iberismo propiciam o aparecimento do primeiro dicionário espanhol-português].

<sup>43</sup> Por exemplo, a entrada espanhola *aparición* corresponde a duas portuguesas: *aparição* (acto de aparecer; visão, fantasma) e *aparecimento* (acto de aparecer). Veja-se como ocorre nos seguintes dicionários:

Desde 1864 até hoje publicou-se mais de meia centena de dicionários, cujas principais características procuraremos apresentar.

## 2. Antecedentes

Existem algumas obras que são antecedentes do primeiro dicionário: os multilingues que se publicaram durante os séculos XVI e XVII (e mesmo XVIII) nos quais apareciam diferentes línguas europeias; neles destacava-se o latim como língua intermediária. Certo é que tais obras, em maior ou menor medida, acolhiam o espanhol e o português podendo ter servido para a intercomunicação entre elas.

Relembrem-se alguns desses dicionários:

— *Colloquia et dictionariolum octo linguarum*, [por Noel de Berlaimont] Delft, 1598.

— *Ductor in linguas. The Guide into the Tongues (1. Anglica. 2. Cambro-Britanica. 3. Belgica. 4. Germanica. 5. Gallica. 6. Italica. 7. Hispanica. 8. Lusitanica seu Portugallica. 9. Latina. 10. Graeca. 11. Hebraea)*, cuja autoria corresponde a John Minsheu<sup>44</sup>. Foi publicado em Londres em 1617,

— *Raizes da lingua latina mostradas em hum tratado, e dictionario*. Por Amaro, Roboredo, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1621.<sup>45</sup>; é a primeira vez que no famoso dicionário multilingue aparecia a língua portuguesa. Publicou-se em Lisboa em 1621,

— *Porta de Linguas ou modo muito acomodado para as entender, publicado primeiro com a tradução Espanhola. Agora acrescentada a Portuguesa com numeros interliniaes... com as raizes da Latina mostradas em hum compendio do Calepino... e ensinar brevemente, e para os estrangeiros que desejão a Portuguesa e a Espanhola*, de Amaro Reboredo<sup>46</sup> aparecido em 1623 em Lisboa,

— *A Marine Pocket-Dictionary, of the Italian, Spanish, Portuguese, and Germanic Languages, with An English-French, and French-English Index* de Henry Neuman, publicado em Londres em 1800,

— *Lexicon nosologicum polyglotton omnium morborum symptomatum vitiorumque naturae et affectionum propria nomina decem diversis linguis explicata continens...* de Andrea Nemnich<sup>47</sup>, publicado em Hamburgo em 1801.

— *Diccionario Español-Português*, M. Valdez, Lisboa (1864): **Aparición**. *f.* Aparição; acção e efeito de aparecer. *Apparendi actio*.

— *Dicionário espanhol-português* da PORTO EDITORA, Porto (1951/1959): **Aparición**, *s.f. ac.* de *aparecer* ou *aparecerse*; aparição, aparecimento.

— *Vocabulário Espanhol-Português*, [Gayán-Rodrigues], LIVRARIA LUSO-ESPANHOLA, Lisboa (1966): **Aparición**. *f.* – aparição.

— *Diccionario português-español/español-português* [Júlio da Conceição Fernandes], HYMSA, Barcelona (1966): **Aparición**, *f.* aparição, aparecimento.

— *Diccionario bilingüe de uso: español-português / português-espanhol*, [Moreno-González], ARCO/LIBROS, Madrid (2003): Não consta.

— *CIMA, Diccionario español - português / português-espanhol*, EVEREST, León (2005): **Aparición** *s.f.* **1.** aparição, aparecimento. **2.** (fantasma) aparição; fantasma.

— *Dicionário português-espanhol, español-português*, ‘Dicionários académicos’, PORTO EDITORA (1979, 2008): **Aparición** [apari’θjon] *s.f.* **1** aparecimento<sub>m</sub>, aparição; **2** (fantasma) aparição, fantasma<sub>m</sub>, visão.

<sup>44</sup> Messner, Dieter (1992), “L’etymologie portugais selons Minsheu”, em *Linguística* 32, págs. 213-219.

<sup>45</sup> Verdelho, Telmo (2000), «O calepino em Portugal e a obra lexicográfica de Amaro Reboredo», em *Revista Portuguesa de Filologia*, 23, págs. 125-149.

<sup>46</sup> Ver nota anterior e Mendes de Almeida, Justino (1969), “Lexicógrafos da língua latina em Portugal: A Porta de Línguas de Amaro Reboredo”, em *Revista de Guimarães*, vol. LXXIX, nos. 1/2, Janeiro-Junho, págs. 5-40.

<sup>47</sup> Recordamos que, em 1799, publicara em Londres *The Universal European Dictionary of Merchandise, in the English, German, Dutch, Danish, French, Italian, Spanish, Portuguese, Russian, Polish and Latin Languages*.

Por outro lado, surgiu em Évora em 1634 a *Prosodia in vocabularium trilingue, Latinum, Lusitanicum, & Hispanicum* de Bento Pereira. É, realmente, a primeira obra que podemos considerar propriamente autóctone portuguesa, na qual, embora apareça o latim, se recolhem o espanhol e o português. O dito autor em 1661 publicou o mesmo dicionário mudando o adjectivo Hispanicum por Castellanicum (*Prosodia in vocabularium trilingue, Latinum, Lusitanicum, et Castellanicum*). Posteriormente, a partir da 7ª edição (1697), desapareceu a língua espanhola, foram inseridas 24.000 vozes latinas e a obra passou a chamar-se *Prosodia in vocabularium bilingue latinum et lusitanum digesta*<sup>48</sup>.

Torna-se necessário salientar que o dicionário de Bento Pereira dá muito pouca importância ao castelhano nas suas edições trilingues, pois os equivalentes nessa língua aparecem em entradas dispersas, não em todo o leamário. A obra é eminentemente um vocabulário latino com explicações dos lemas em português e, ocasionalmente, a equivalência espanhola. Contudo, conheceu várias edições, facto que indica que funcionava com êxito, pelo menos no âmbito português.

E por último, o *Vocabulario Portuguez e Latino* de Raphael Bluteau (Coimbra, 1712-1721). O volume oitavo e último, aparecido em 1721, inclui uma “Prosopopeia del idioma portuguez a su hermana la lengua castellana” e um pequeno vocabulário muito elementar português-castelhano (e outro castelhano-português) que parece justificar as palavras da ‘Prosopopeia’, mais do que servir de apoio efectivo para a aprendizagem da língua<sup>49</sup>.

### 3. Lexicografia bilingue espanhol-português

#### 3.1. Circunstâncias do seu aparecimento

No que diz respeito à lexicografia *stricto sensu* entre as duas línguas peninsulares convém acrescentar algumas notícias acerca do desigual processo no seu surgimento:

Em Portugal, durante o século XVI compôs-se o primeiro dicionário latim-português (Cardoso, em Coimbra, 1569-70) enquanto em Espanha apareceu o latino-castelhano no final do XV (Palencia, em Sevilha, 1490). O século XVII continuou em Portugal com obras bilingues português-línguas africanas ou asiáticas (dos missionários) e em Espanha publicou-se o primeiro monolíngue (Covarrubias, em Madrid, 1611). Em Portugal, durante o século XVIII, publicou-se o dicionário português e latino de Bluteau<sup>50</sup> (Coimbra, 1712-21) e Espanha assistiu à fundação da ‘Real Academia Española’ e à publicação do *Diccionario de Autoridades* (Madrid, 1726-39). O século XIX marcou em Portugal o florescimento dos grandes dicionários monolíngues, iniciados com o Moraes (Lisboa, 1789), todos eles devedores da obra de Bluteau, ao mesmo tempo que em Espanha aparecia uma série de obras que tencionavam ser diferentes do dicionário da RAE, já com várias edições. Nessa época, diz Seco que “entre 1842 y 1853 brota una plétora de diccionarios académicos” (1987b: 129), e menciona as obras de Peñalver,

<sup>48</sup> O facto de mudar numa edição posterior ‘hispanicum’ por ‘castellanicum’ indica um factor de tipo social: até à recuperação da soberania portuguesa em 1640, após o período em que Espanha reinou em Portugal, entendia-se por hispânico o conjunto de toda a Península. Uma vez separados os dois reinos, o ideal nacional português começou a diferenciar-se do ideal espanhol e da língua espanhola, passando a ser utilizado castelhano como diferente de hispânico.

<sup>49</sup> Com a retórica própria do século XVIII, Bluteau pede aos seus vizinhos espanhóis para aprenderem a língua portuguesa, defendendo que ambos os idiomas são iguais em prestígio, que ambos procedem do latim e não a língua portuguesa da espanhola, ideia bastante generalizada nos séculos precedentes.

<sup>50</sup> Apesar do título, é praticamente um dicionário monolíngue da língua portuguesa com a versão latina. A sua importância foi tal que é a base do primeiro monolíngue português.

Labernia, Salvá, Domínguez, Caballero e Arnedo, Castro, Chao e o dicionário da Sociedad Literaria.

A reacção da lexicografia ‘não académica’ provocou o aparecimento de alguns dos melhores dicionários da lexicografia espanhola. Em Espanha o labor da RAE monopolizou a lexicografia monolíngue; quando em meados do século XIX surgiram as obras não académicas, fizeram-no sobre uma base de mais de cem anos de produção de dicionários monolíngues, uma base madura. Essa nova concepção de fazer dicionários (procedente fundamentalmente de França), também afectou Portugal, porém, de modo brusco: nessa mesma época apareceram os primeiros monolíngues e rapidamente as obras ao estilo enciclopédico francês e espanhol.

Como se verá, no caso particular do espanhol e do português, a questão tem muito peso. Quando apareceu o dicionário de Mascarenhas Valdez – sem tradição prévia – era inevitável que apresentasse as características próprias da técnica lexicográfica do século XIX. E essas características percebem-se claramente nesse primeiro dicionário, cujas fontes lexicográficas basicamente são o DRAE e os dicionários não académicos do século XIX<sup>51</sup>. Os principais dicionários monolíngues portugueses do XIX têm uma importância secundária, embora se destaquem o *Diccionario Critico e Etymologico* de Solano Constâncio (Paris, 1836), o *Diccionario Universal da Lingua Portuguesa* de Uma Sociedade de Litteratos (1844), e o *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Roquete/Fonseca (Paris, 1848) – com provável influência, tal como o Moraes, na composição da obra de Mascarenhas Valdez.

### 3.2. A questão ortográfica

Cabe abordar um tema capital em relação à produção lexicográfica do par espanhol-português: a questão ortográfica.<sup>52</sup> No que concerne à história da ortografia portuguesa, ela divide-se tradicionalmente em três períodos: fonético, das origens até ao século XVI<sup>53</sup>; pseudo-etimológico, do século XVI até 1911<sup>54</sup> e moderno, de 1911 até à actualidade.

<sup>51</sup> Remetemos o leitor para a consulta da tese de doutoramento *Lexicografía bilingüe hispano-lusa: Mascarenhas Valdez* (Vázquez, I.), Universitat de Barcelona. ISBN: 978-84-691-1581-7. Miguel de Cervantes Virtual, Universidad de Alicante: <http://www.cervantesvirtual.com/FichaAutor.html?Ref=15582>

<sup>52</sup> No caso do espanhol, a norma foi fixada desde cedo. A história da ortografia espanhola apresenta três períodos: *fonético*, das origens até ao século XVI; *de confusão* (também chamado *anárquico*) e *académico*. Após a reforma de Afonso X, o Sábio, (séc. XIII) Nebrija publicou no século XVI as suas *Reglas de Orthografía en la lengua castellana* (1517) que marcaram as pautas da futura ortografia. Não obstante, e até à fundação da ‘Real Academia Española’ em 1713, vozes dissidentes continuavam a escrever com uma grafia latinizante e etimológica. Durante o século XVII, com as inovações fonéticas do castelhano, a ortografia espanhola era muito irregular, produziu-se uma série de confusões até ao ponto de cada escritor utilizar o seu próprio alfabeto. Como foi dito, em 1713 foi fundada a ‘Real Academia Española’ “para cultivar y fixar la lengua castellana”. Entre 1726 e 1739 publicou-se o *Diccionario de Autoridades*, que inclui um prómio da ortografia castelhana, em 1741 a primeira edição da *Orthographia* e em 1771 a primeira *Gramática castellana*. Propuseram-se umas bases que apenas foram consideradas normativas quando a 25 de Abril de 1844 por Real Decreto, a rainha Isabel II impôs a obrigatoriedade da ortografia académica e o seu ensino nas escolas. Definitivamente, e após a oficialização dessas normas, a ortografia actual da língua teve alguns ajustamentos e pequenas modificações nos anos posteriores, mas é a utilizada em toda a produção lexicográfica bilingue espanhol-português.

<sup>53</sup> Quando o português (e, anteriormente, o galaico-português) começou a escrever-se, procurava-se representar foneticamente os sons da fala. Não existia norma e a ortografia conservou-se arcaica quanto à evolução da pronúncia de muitas palavras. Contudo, observa-se uma tendência para a ortografia fonética.

<sup>54</sup> A grande importância e influência do latim fez com que a partir do Renascimento se relatinizasse a língua, introduzindo grafias que não representavam nenhum som. Por outro lado, uma certa pretensão de querer fazer a língua mais culta e digna das suas origens favoreceu esta ortografia de tipo etimológico. O uso de grafias

O processo de regularização da norma ortográfica portuguesa tem afectado os dicionários monolíngues, e é também determinante na produção de dicionários bilingues espanhol/português. Afirmou-se na nota 15 que a ortografia portuguesa era durante o século XIX caótica, e que os próprios escritores não se preocupavam demasiado e deixavam aos seus editores a referida questão. A situação mudou quando em 1911, unilateralmente, Portugal promulgou pela primeira vez umas bases “unificadoras” da ortografia da língua portuguesa (a comissão encarregada de dita tarefa era formada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcellos, Cândido de Figueiredo e Gonçalves Viana, considerados os melhores filólogos portugueses da época). O Brasil não se sentiu à vontade perante essa situação. Independente desde 1822 e com uma tradição literária consolidada, considerou-se, ante a publicação das tais normas, tratado ainda como uma colónia.

E isso aconteceu porque a variante portuguesa falada no Brasil era já suficientemente diferente da falada na Europa e as decisões deveriam ter sido conjuntas, mas Portugal desconsiderou esse facto. Houve nos anos seguintes diversas tentativas de aproximação dos governos do Brasil e de Portugal, até que em 1943 assinaram uma convenção “para a Unidade, Ilustração e Defesa do Idioma Comum”<sup>55</sup>.

E, finalmente, em 1945 foi promulgado o “Acordo Ortográfico” que com modificações posteriores (em 1967, 1975, 1986 e 1989<sup>56</sup>) rege a ortografia em ambos os lados do Atlântico. Esse acordo, contudo, marca muitas diferenças na ortografia que respondem a realidades fonéticas diferentes. Mas não só: a partir dessa altura, no Brasil também se alterou a sintaxe e a morfologia, de tal modo que, de uma ligeira diferença na ortografia de certas palavras, passou-se a uma notória diferença na redacção das frases. Ou seja, escrevia-se – e escreve-se – no Brasil de acordo com uma norma culta que respondia – e responde – à oralidade, divergindo da morfologia e da sintaxe da norma de Portugal (menos manifesto no estilo culto). Assim, desde 1945 fala-se de variante portuguesa e variante brasileira da mesma norma.

Na publicação de dicionários bilingues espanhol-português esta questão é capital, pois os lexicógrafos devem utilizar na elaboração das ditas obras uma variante ou outra na parte lusa.

Todos os dicionários bilingues espanhol-português publicados em Portugal utilizaram a variante portuguesa, os publicados no Brasil, conseqüentemente, a brasileira, mas as obras publicadas fora destes dois países, nomeadamente em Espanha, utilizaram ambas<sup>57</sup>.

etimológicas reais junto a outras disparatadas justificou que os historiadores da língua portuguesa dessem o nome de ‘pseudo-etimológico’ a este período. Período etimologista que não apresentava, contudo, uma coerência entre os escritores; cada qual escrevia como queria. Chegou-se a tal extremo que em 1734 João de Moraes Madureyra Feyjó publicou a sua *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza*, obra que procurava a grafia mais complicada possível (em parte pelo afã de afastamento de tudo o que era espanhol depois do período de domínio filipino). Ao longo do século XIX percebeu-se a falta de justificação de muitas das grafias, contudo, a anarquia na escrita era total. Se se compararem escritos dessa época, publicados num mesmo ano, cada um pode observar uma ortografia diferente.

<sup>55</sup> Repare-se em que falam de “Idioma Comum” e não de “Língua Portuguesa”.

<sup>56</sup> A última revisão de 1989 propunha suprimir as diferenças gráficas entre as duas variantes; promulgou-se em 1990, apenas, porém, em 2008 entrou em vigor. O governo português estabelece um prazo de 6 anos para a adequação e implantação definitiva do “Acordo”. Algumas editoriais já publicaram os seus monolíngues segundo a revisão de 1989. Os primeiros bilingues com a nova ortografia apareceram em 2010: o da PORTO EDITORA e o da LAROUSSE espanhola na sua colecção VOX.

<sup>57</sup> Ao escolher a variante brasileira, a decisão deve responder a número de falantes e à importância do Brasil nos últimos anos por causa do Mercosul (espanhol e português são as línguas oficiais), para além da obrigatoriedade de estudar espanhol na secundária. O primeiro dicionário publicado em Espanha que usa a variante brasileira é de 1995 (Ed. JUVENTUD).

#### 4. Os dicionários do par espanhol-português e/ou vice-versa

A seguir, apresentaremos o estado da lexicografia bilingue entre o espanhol e o português. Foram publicados dicionários monodireccionais – espanhol-português ou português-espanhol – e bidireccionais. Como se verá, a grande difusão deste tipo de obras ocorreu a partir da segunda metade do século XX, produzidas pelas casas editoras.

O século XIX supôs uma renovação na lexicografia. Os dicionários que se escreveram foram, em geral, mais rigorosos na sua metodologia. As melhores obras eram acompanhadas de prólogos introdutórios em que se apresentavam as bases teóricas nas quais se baseava o dicionário. No século XX não se verificou uma mudança radical quanto à produção lexicográfica, continuando no segundo quartel a tendência inaugurada no século XIX. Em meados do século XX as editoras assumem um papel decisivo, apoiando o trabalho lexicográfico a partir de bases metalexigráficas cada vez mais rigorosas e, posteriormente, pela criação das bases informatizadas que revolucionarão a técnica lexicográfica. Essas mesmas editoras apostam nos dicionários didáticos, de apoio à aprendizagem de língua ou escolares. A grande mudança em relação ao século XIX está na consideração dos diferentes tipos de usuário.

Recolhemos até à actualidade cinquenta e oito obras de valor desigual que apresentamos em ordem cronológica marcadas com um número árabe. Trataremos as primeiras edições, nunca posteriores, excepto quando mudem, ampliem ou abreviem a informação.

##### 4.1. *A lexicografia bilingue de 1864 a 1911*

Seis obras foram publicadas nesta primeira etapa. Ao repararmos na macroestructura de todas elas veremos que muda muito pouco, novos lemas são acrescentados e outros retirados, mas a maioria mantém-se. Os primeiros dicionários publicados em Portugal antes da reforma ortográfica de 1911 mostram continuidade na macro e microestrutura.

Vejam-se em primeiro lugar os dicionários aparecidos entre 1864 e 1911, que utilizam uma ortografia portuguesa muito anárquica.

1864 – *Diccionario Español-Portuguez* de Manoel do Canto e Castro Mascarenhas Valdez, em três volumes (Lisboa, Imprensa Nacional) (1<sup>o</sup>) Contém um prólogo em que se afirma que é o primeiro do seu género para além de oferecer dados interessantes que fixam o seu aparecimento num período de reconciliação entre Espanha e Portugal (Iberismo)<sup>58</sup>. [vol.1 A-C, 959/ vol. 2 D-L, 1.082/vol. 3 M-Z, 1.068 págs, 23,5 cm]

Do prólogo destacamos a seguinte frase:

“Publico pois o primeiro diccionario hespanhol-portuguez, enriquecido com a versão e etymologia latina, para a compilação do qual consultei os melhores lexicographos antigos e modernos”.

Não indica quais são esses lexicógrafos, mas num trabalho anterior<sup>59</sup> demonstrámos que as suas fontes são o *Nuevo diccionario de la lengua castellana* de Vicente Salvá (1846), a 12<sup>a</sup> edição do DRAE de 1852, o *Diccionario nacional o gran diccionario clásico de la lengua española* de Ramón Joaquín Domínguez (1846-47) e o *Biblioteca Ilustrada de Gaspar y Roig. Diccionario enciclopédico de la*

<sup>58</sup> Veja-se nota 1.

<sup>59</sup> Na nota 12 remetámos o leitor à consulta da tese *Lexicografía bilingüe hispano-lusa: Mascarenhas Valdez*, onde se especificam essas fontes lexicográficas deste primeiro dicionário bilingue.

*lengua española* da Imprenta y Librería de Gaspar y Roig, editores, coordenado por Eduardo Chao (1853-55). Muito secundariamente, o *Diccionario Universal da Lingua Portuguesa* de Uma Sociedade de Litteratos (1844) e o *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Roquete/Fonseca (1848). De todos eles, sobretudo, o DRAE (e com ele Salvá) e a obra de Gaspar y Roig.

1869 – *Léxico castellano-portugués de las voces mas usuales en la conversacion familiar* de Carlos Barroso y Macedo, publicado em Lisboa (Ed. Souza e filho). A outra direcção, o *Lexicon portuguez-castelhano das palavras mais usadas na conversação* apareceu em 1870, também em Lisboa e na mesma editora. [87 págs, 16 cm] **(2º)** Não menciona fontes lexicográficas. Trata-se de um vocabulário brevíssimo que, obviamente, não segue as pautas de Valdez. É o primeiro português-espanhol que aparece na história desta lexicografia bilingue.

1879-80 – *Diccionario hespanhol-portuguez e portuguez-hespanhol, com phrases e locuções usadas em Hespanha e na America hespanhola, de ciencias e artes, de medicina, chimica, botanica, historia, commercio, marinha, etc. e coordenado dos melhores dictionarios das duas nações / Diccionario portugues-español y español-portugues con frases y locuciones...*, à frente dos “colaboradores” figura Jorge Cesar de Figanieri (Porto, Vianna, Empresa editora de obras classicas e ilustradas) [vol. 1, 1.049 págs. / vol. 2, 710 págs, 23 cm] **(3º)** No prólogo não menciona fontes lexicográficas, na direcção espanhol-português é uma réplica do Valdez ampliada com entradas do DRAE, e apresenta na parte português-espanhol a estrutura da mesma obra espanhola (foi comparada a edição do DRAE de 1869 [13ª] por ser a coetânea). Aparece a mesma informação.

1897 – *Novo diccionario hespanhol-portuguez e portuguez-hespanhol com a pronuncia figurada em ambas as linguas / Nuevo diccionario portugués-español y español-portugués con la pronunciación figurada en ambas lenguas* do Vizconde de Wildik (Pedro Figueiredo), publicado em Paris pela Garnier Irmãos (Dois volumes, 1º > Hespanhol-portuguez, 2º > Português-español)<sup>60</sup> [vol. 1, 847 págs. / vol. 2, 889 págs, 15 cm] **(4º)** Possui um prólogo de duas páginas no qual não se lê nenhuma notícia acerca das fontes, simplesmente indica o modo de consultar o dicionário. Apresenta um formato de bolso e a sua estrutura interna não corresponde a um dicionário de importância como o de Valdez ou o de Figanieri. O lemiário espanhol vê-se reduzido e em consequência também os equivalentes. Utiliza na sua composição a informação essencial do Valdez reduzida à mínima expressão. Na parte portuguesa oferece uma macroestrutura com mais entradas que Figanieri; consultou os dicionários monolingues portugueses onde já aparecem recolhidas vozes como *abacate, abacaxi, abaçanado, abacelar...* Também pela primeira vez, ao contrário das duas obras anteriores oferece-se na entrada ‘a’ a informação correspondente a esta palavra na sua categoria de artigo definido, de pronome e de contracção. Na generalidade das entradas (quando espanhol e português coincidem) aplica a técnica de converter o equivalente português da parte espanhol-português em entrada na parte português-espanhol. Os dicionários anteriores e o DRAE estão presentes na microestrutura.

1897-1900 – *Novo diccionario hespanhol-portuguez (e portugués-hespanhol) contendo todos os vocabulos, phrases e locuções usados não só em Portugal, como no Brazil, colonias portuguezas da Africa e Asia, e bem assim todos os termos de ciencias, artes, industrias, etc., coordenado sobre todos os dictionarios d’esta lingua até hoje publicados*<sup>61</sup>. A obra divide-se em três volumes, os dois primeiros contêm o dicionário espanhol-português, dirigido por Henrique António Marques, volumes aparecidos em 1897 (Lisboa, ed. Pereira). O terceiro contêm a parte português-espanhol dirigida por Isidro Monsó e publicada em 1900 também em Lisboa pela mesma editora [vol. 1, A-G, 937 págs / vol. 2, H-Z, 820 págs / vol. 3, 1.277 págs, 22 cm] **(5º)** Não possui prólogo mas uma

<sup>60</sup> A mesma obra apareceu editada em 1944 em Buenos Aires. Ed. SOPHOS.

<sup>61</sup> Existe uma edição de 1984 intitulada *Novo dicionário espanhol-português [Novo dicionário hespanhol-portuguez]*, Lisboa, Livraria António Maria Pereira.

ADVERTÊNCIA que contribui com dados interessantes, sobretudo, históricos. Não menciona as fontes lexicográficas:

“A publicação de um novo Dicionario das Linguas Hespanhola-Portugueza, era uma necessidade para assim dizer inadiavel. Até hoje dois *Diccionarios* hespanhoes-portuguezes se haviam publicado: o de Valdez, por demasia desenvolvido tornava-se de difficil manuseamento; o outro, menos completo do que este, era, a nosso vêr, deficiente em excesso, pela falta de vocabulos que, de certo ponto em deante, n’elle se notava. Imprescindivel se tornava pois um diccionario que, sendo de facil manuseio, comprehendesse simultaneamente todos os vocabulos conhecidos na lingua hespanhola.”

H. A. Marques fala-nos de dois dicionários espanhol-português publicados com anterioridade ao seu, nomeia o de M. Mascarenhas Valdez; no que diz respeito ao segundo simplesmente diz “o outro” sem especificar. Todavia, publicaram-se três obras entre o *Diccionario Español-Portuguez* e o de Marques-Monsó. A primeira talvez não a considerou por não se chamar estritamente dicionário (o *Léxico castelbano-portuguez* de Macedo). As duas obras restantes são as que acabámos de apresentar: o *Diccionario español-portuguez* de Figaniere e o *Novo diccionario hespanhol-portuguez* do Visconde de Wildik. A qual se referiria Marques ao dizer “o outro”? Supomos que ao de Figaniere dado que o de Wildik foi publicado no mesmo ano, talvez meses depois, e não o pôde ter em conta.

Este dicionário na parte espanhola apresenta a estrutura do DRAE matizada e ampliada pela obra de Domínguez (1846). Na outra direcção oferece a informação clássica do dicionário da Academia na microestrutura (juntamente com a informação própria da língua portuguesa) acrescentando na macroestrutura as entradas já consolidadas nos dicionários monolíngues portugueses, nomeadamente as obras de Roquete/Fonseca (1848), o dicionário de Caldas Aulete (1881) e o de Cândido de Figueiredo (1899)<sup>62</sup>.

Já no século XX, a partir dos anos cinquenta, as editoras são responsáveis pelos dicionários bilingues mais divulgados. Contudo, embora existam obras de autor, estas não têm a mesma consideração social do que os dicionários monolíngues.

Em Portugal, a editora mais popular continua a ser a PORTO EDITORA, no Brasil MELHORAMENTOS e GLOBO, em Espanha HYMSA e, ultimamente LAROUSSE-VOX e ESPASA-CALPE. Nos anos anteriores era SOPENA. Isto sem esquecer que, nalguns países sul-americanos, sobretudo a Argentina, também se publicaram dicionários desta natureza.

1904 – *Nuevo vocabulario español-portugués que contiene todas las palabras usuales con pronunciación figurada / Novo vocabulario portuguez-hespanhol contendo as palavras mais usuaes com a pronuncia figurada* de R. de Mesquita (Paris e Rio de Janeiro<sup>63</sup>, ed. Garnier) [274 págs, 13 cm] (6°) Carece de prólogo. Não menciona fontes. Reduz a informação dos dicionários anteriores e dispõe-na de igual modo.

#### 4.2. *A lexicografia bilingue desde 1911 à actualidade*

Eis as cinquenta e duas obras da segunda etapa em que se aplicam já as “normas unificadoras” de 1911 e posteriormente as de 1943:

1911 – *Nuevo diccionario portugués y español con la debida pronunciación de los vocablos* de Frederico Duarte Coelho (Lisboa, Typ. Anuario Commercial) [1.152 págs, 20 cm] (7°) Não tem prólogo, simplesmente uma explicação das abreviaturas e da pronúncia. Sem menção a

<sup>62</sup> As duas últimas obras são consideradas os dois melhores dicionários da segunda metade do século XIX.

<sup>63</sup> Em 1927 novamente aparecerá em Lisboa o *Pequeno diccionario hespanhol-portuguez, contendo as palavras mais usuaes com a pronunciação*. (GARNIER) [274 págs, 13 cm]. Trata-se da parte espanhol-português do dicionário publicado em 1904 → (6°)

fontes. Mantém-se a tónica dos anteriores mas acrescenta informação recuperada de dicionários antigos.

1943 – *Dicionário espanhol-português* de Hamílcar de Garcia (Porto Alegre, ed. Globo). [696 págs, 19 cm] (8º) Sem ter em conta o dicionário de Mesquita de 1927<sup>64</sup>, que supôs um *impasse* entre as duas normas, será o primeiro a usar a nova ortografia conforme à variante brasileira da norma. Carece de prólogo, contém, porém, uma ‘Advertencia’ na qual o autor se mostra conciliador e utiliza uma base pan-lusa na selecção do léxico.

“[...] Sem subentender a existência de uma ‘língua’ brasileira e de um espanhol ‘americano’, êste trabalho apresenta a matéria tendo em conta as diferenças que, num e noutro lado do oceano, se oferecem no emprêgo e acepção de uma parte apreciável do léxico português e castelhano. E para evitar que a tradução de um vocábulo espanhol fôsse dada somente por intermédio de um brasileirismo ou de um termo exclusivamente lusitano, lançou-se mão de farta sinonímia [...]”.

A obra apresenta uma estrutura diferente da dos anteriores. Utiliza a informação da RAE, com nova disposição e exemplos distintos. Alguns adágios por ele citados só se recolhem no *Diccionario Castellano con las Voces de Ciencias y Artes* de Terreros (Madrid, 1786-1793).

Poderia supor-se que a escassez lexicográfica acontecida entre 1911 e 1943 se explicaria pela não aceitação dos acordos de 1911 por parte do Brasil e as consequências negativas que provocou em Portugal<sup>65</sup>. Mas a publicação do “Acordo” mudou a situação. Desde 1943 até à actualidade a proliferação de dicionários espanhol-português foi *in crescendo* e o interesse das editoras por terem nos seus catálogos próprios um dicionário deste par de línguas é inquestionável<sup>66</sup>.

1945 – *Pequeno dicionário espanhol-português* de Ídel Becker (São Paulo, ed. Nacional) [516 págs, 20 cm] (9º) Foi escrito na variante brasileira. Lemos as seguintes palavras no prólogo:

“[...] Seguiu-se, em geral, a nomenclatura do dicionário da ACADEMIA ESPAÑOLA (16ª ed., 1936), que – há mais de duzentos anos – vem sendo a obra suprema e de máxima autoridade para o conhecimento da língua espanhola. [...]”.

Em relação à obra académica, e baseando-nos nas primeiras entradas do dicionário, cabe dizer que até à 12ª edição (1884) seguia uma estrutura retomada dos dicionários bilingues anteriores, onde numa mesma entrada se acumulavam por exemplo, os valores do ‘a’ substantivo e do ‘a’ preposição. A partir dessa edição há outra estrutura (duas entradas diferentes para os ‘as’ nome e preposição), que se mantém até à 21ª edição (1984), em que regressa à primitiva técnica de apresentação. Esta informação confirma que o dicionário de Becker já apresenta a estrutura posterior à dada pela Academia a partir de 1884.

1946 – *Diccionario práctico portugués-castellano/castellano-portugués breve, contiene todas las voces necesarias para aprender el idioma* da editora SOPENA ARGENTINA (Buenos Aires) [384 págs, 13 cm] (10º) Carece de prólogo e não indica fontes. Quanto à escrita, mistura as variantes portuguesa e brasileira. Apresenta a informação como um vocabulário ao estilo dos dicionários de bolso.

<sup>64</sup> Veja-se nota 24.

<sup>65</sup> Sabe-se do caso de um livreiro português, António Mello, que após uma viagem realizada ao Brasil em 1929 referia a “diferença ortográfica” como o principal impedimento para a circulação (e portanto publicação) do livro português no Brasil.

<sup>66</sup> Júlio Dantas, presidente da *Academia de Ciências de Lisboa* em 1943 disse em certa ocasião: “bastou a simples notícia do Acordo, que acabava de assinar-se, para que as universidades estrangeiras, que haviam oposto legítimas dúvidas à criação de cadeiras e leitorados de língua portuguesa, nos abrissem de par em par as suas portas” (*apud* Estrela, 1993: 13). Quer dizer, na sua projecção internacional, a língua portuguesa dignifica-se com uma norma específica.

1947 – *Diccionario portugués-español* de Hamílcar de Garcia (Rio de Janeiro-Porto Alegre, ed. Globo) [1.138 págs, 19 cm] **(11º)**, a parte que faltava da obra publicada em 1943 □ **(8º)**. Neste dicionário, escrito na variante brasileira, encontramos um PREFÁCIO com interessantes dados históricos, para além de especificar claramente as fontes do dicionário:

“Hace más de cuarenta años que no se publicaba un diccionario portugués-español. Cuantos lo fueron en este siglo, no son más que meras copias o reimpressiones de los trabajos compilados en el siglo XIX. [...] He aquí los puntos principales en el plan de la obra:  
Autoridades. [...] el autor ha optado como base y punto de partida la última edición del *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, de Lima y Barroso [...] La traducción y definición de los vocablos portugueses están basadas en el vocabulario de la última edición del *Diccionario de la Academia Española*, elegido por el autor como punto de coordinación y control de los matices que van tomando las voces españolas en los distintos países de Hispano-América [...]”.

Se julgamos serem certas as palavras do prólogo observamos que não são realmente “más de cuarenta años” sem a publicação de um dicionário português-espanhol, dado que em 1911 tinha aparecido o de F. D. Coelho, apresentado linhas acima □ **(8º)**; ou o desconhecia, ou não o considera por ser um vocabulário elementar. Parece portanto que a obra antecessora a que se refere é a de Marques/Monsó publicada em 1900<sup>67</sup>.

Este dicionário, sendo o primeiro dicionário ‘moderno’ publicado após as normas ortográficas de 1943-45, apresenta a informação como os anteriores com duas diferenças: inclui muita informação gramatical e adiciona entradas que só se registam desde o século XX<sup>68</sup>.

Como vemos, desde Figaniere (1879) até ao dicionário que acabámos de apresentar, com ligeiras alterações, a estrutura e a informação são quase as mesmas. O DRAE mantém a sua preponderância.

1947 – *Auxiliar do viajante a Madrid. Vocabulário de Francisco Gimenez* de Manuel B. Calarrão (Lisboa, ed. Garcia e Carvalho) [110 págs, 19 cm] **(12º)** É um vocabulário-guia de conversação. Não tem prólogo e está escrito na variante portuguesa.

A partir dos anos cinquenta, começam a publicar-se os dicionários bilingues da PORTO EDITORA dirigidos por Julio Martínez Almoyna<sup>69</sup>. Desde o seu aparecimento até à actualidade, os dicionários do par espanhol-português e vice-versa da PORTO EDITORA gozaram e continuam a gozar de imensa popularidade, sendo a referência quase exclusiva que qualquer utilizador conhece e consulta. Aparecem editados em três formatos diferentes: espanhol-português, português-espanhol e uma versão conjunta espanhol-português/português-espanhol.

1951 – *Diccionario espanhol-português. Contém todas as palavras de uso corrente e vulgar; vocabulario moderno e científico com todas as aceções possíveis das palavras; modismos e expressões familiares; arcaísmos literários; gíria e provérbios mais usuais; provincialismos e americanismos, assim como formas irregulares de muitos verbos.* Coleção ‘Dicionários Editora’ (Porto) [1.437 págs, 19 cm] **(13º)** Contém um prólogo, que se refere às línguas de Portugal e de Espanha; a única menção que faz ao Brasil e aos países de fala espanhola da América surge quando declara incluir “americanismos”. As fontes lexicográficas são as do DRAE na parte espanhola sem menção à portuguesa. Possui

<sup>67</sup> Relativamente ao dicionário da editora SOPENA ARGENTINA aparecido um ano antes, em 1946, certamente poderia ter acontecido o que habitualmente sucede ainda na actualidade: Hamílcar de Garcia deve ter escrito o prólogo e ultimado o dicionário entre os anos 1946 e 1947 sendo publicado neste último, coincidindo praticamente com o dicionário argentino.

<sup>68</sup> Sirva de exemplo o lema ‘Ã’ (documentado pela primeira vez no dicionário de Cândido de Figueiredo, 1899).

<sup>69</sup> Julio Martínez Almoyna era, segundo se lê na contracapa dos dicionários: “De la Real Academia Gallega, Director del Colegio Oficial Español de Oporto, Doctor en Derecho, Licenciado en Filosofía y Letras, etc”.

uma estrutura muito parecida com a do dicionário da editora SOPENA ARGENTINA. Na segunda edição de 1957 será substancialmente ampliado.

E teremos de esperar até 1959 para que se publique a versão português-espanhol. A popularidade adquirida por estes dois dicionários, afixados pelo facto de serem os dicionários da ‘Real Academia’ a fonte do leamário espanhol, justificou que se perpetuasse em inúmeras reedições (e muito poucas edições) até ao presente, quase de modo inalterado. Por outro lado, torna-se difícil saber com exactidão a que edição ou reimpressão pertence um dos muitíssimos dicionários espanhol-português ou vice-versa que circulam da PORTO EDITORA.

1951 – *Dicionário popular espanhol-português* de Ídel Becker<sup>70</sup> (São Paulo, ed. Nacional) [159 págs] **(14º)** Utiliza a variante brasileira na escrita. Difere levemente do seu dicionário de 1945 [9º], apresenta a mesma estrutura e quase a mesma informação. O autor antecede as novas informações com um asterisco. Os exemplos são os mesmos, retomados do DRAE, a sua fonte.

1955 – *Dicionário espanhol-português* de Hamílcar de Garcia (Porto Alegre, ed. Globo) [606 págs, 19 cm] **(15º)** É a 5ª edição melhorada da 1ª ed. de 1943 □ **(8º)**<sup>71</sup>. Repete o prólogo da primeira edição. Observa a variante brasileira.

1955 – *Dicionário de algebeira espanhol-português* de Frederico Duarte Coelho (Lisboa, ed. Minerva). [303 págs, 14 cm] **(16º)** Carece de prólogo. Observa a variante portuguesa. A obra torna a mostrar-nos uma estrutura típica de um léxico elementar.

1957 – *Dicionário espanhol-português* [1.506 págs, 22 cm] **(17º)** da PORTO EDITORA, Coleção ‘Dicionários Editora’ (Porto), 2ª edição<sup>72</sup> da obra de 1951 □ **(13º)** que adiciona um prólogo onde se lê:

“No pudimos sospechar que la publicación de este Dicionario Español-Portugués, en su primera edición, iba a tener un éxito tan rotundo y clamoroso como representa el agotarse con bastante rapidez. Prueba evidente de la necesidad que había de una obra que llenase el vacío existente entre las lenguas y las literaturas de los fraternos países peninsulares.

[...] A dicho efecto, procuramos seguir lo mas fielmente posible las normas y enseñanzas de la más pristina fuente del idioma, la Real Academia Española de la Lengua que, en todo momento, nos sirvió de guía y dirección, no solo en la selección y ordenación del léxico, sino también en la recta interpretación del mismo, tanto en los términos puramente castellanos, como en multitud de americanismos [...]”.

Anunciam-se, aliás, inúmeras mudanças a respeito da edição precedente e também a iminente publicação da parte português-espanhol. Esta segunda edição é importante porque nela se basearão, até hoje, as seguintes edições do dicionário espanhol-português. Segue a

<sup>70</sup> Do mesmo autor, em 1978 publicou-se em São Paulo em texto Braille um *Dicionário Espanhol-Português e Português-Espanhol*.

<sup>71</sup> De Hamílcar de García publicou-se entre 1958 e 1963 o *Dicionário espanhol-português. Dicionário português-espanhol* em dois volumes e com as duas direcções juntas [1.138 págs, 23 cm]. Trata-se da publicação conjunta e revista dos seus anteriores dicionários de 1943 [1955, 5ª edição melhorada → **(15º)**] (E/P) e 1947 → **(11º)** (P/E). O mesmo dicionário foi publicado em São Paulo em 1998 sob o título de *Dicionário Português / Español, Español / Português Mercosul*. [849 págs, 29 cm]

<sup>72</sup> Existe publicada uma recensão intitulada “Julio Martínez Almoyna – Dicionário de espanhol-português. 2ª edição. Porto (Porto Editora, Lda), s. d. 1506 pp.” escrita por José Maria Viqueira e publicada na *Revista de Filologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de Estudos Românicos* [vol. IX, ano 1961, págs. 361-364] na qual se elogia a obra e diz-se “Lo único que hay que pedir y desear es que se complete lo más pronto posible la labor del autor, es decir, que veamos cuanto antes a la luz pública esa segunda parte que falta y que el autor promete: el Dicionario Português-Español. Cuando dispongamos de éste, si es que, como esperamos y suponemos, tiene las mismas características de la primera parte, podremos decir con alegría que ya disponemos de un instrumento lingüístico de categoría para la mejor traducción, interpretación y comprensión de las lenguas española y portuguesa, durante muchos y venideros años”.

estrutura dos DRAEs posteriores a 1884 e, em comparação com as edições de 1936 e 1947 (as imediatas cronologicamente) apresenta a mesma informação e formalização.

Ainda encontramos uma terceira edição em 1964 [1.043 págs, 23 cm], que reproduz os prólogos de 1951 e 1957. Trata-se de uma reimpressão da segunda edição.

Doravante, já não se indica mais nenhuma edição, trata-se sempre de reimpressões, mas todas elas mantêm o prólogo das primeira e segunda edições. Encontrámos reimpressões de 1969, 1970, 1974, 1976, 1977, 1979, 1983, 1984, 1988 e 1990 (reimpressões da chamada terceira edição). Todas elas agrupadas na secção “Dicionários Editora”.

A partir da década de noventa, a Porto Editora reedita o dicionário num novo formato, incluindo sempre os prólogos da edição de 1951 e da de 1957, indicando na contracapa [©1951]. As ditas publicações apresentam desde o seu aparecimento até ao presente os seguintes dados cronológicos: 1ª ed. 1992; 1ª ed. / 2ª reimp. 1993; 1ª ed. / 3ª reimp. 1995; 1ª ed. / 4ª reimp. 1996; 1ª ed. / 5ª reimp. 1998; 1ª ed. / 6ª reimp. 1999; 1ª ed. / 7ª reimp. 2000; 1ª ed. / 8ª reimp. 2001, 1ª ed. / 9ª reimp. 2003 e 10ª reimp. 2004.

Verificámos as primeiras entradas na reedição de 1974 da 3ª edição, na 5ª reimpressão de 1998 e a de 2004 e foram encontradas alterações mínimas (a reimpressão de 1998 e a de 2004 são a mesma).

1959 – *Dicionário de português-espanhol*<sup>73</sup> Coleção ‘Dicionários Editora’ (Porto) [1.539 págs, 20 cm] **(18º)** da PORTO EDITORA, composto por Julio Martínez Almoyna. Escrito na variante portuguesa e sem indicar fontes, é o primeiro desta editora com a direcção português-espanhol. Segue a estrutura dos dicionários anteriores tendo em conta as novas entradas, incorporadas desde Hamílcar (1947). Nela transparece o DRAE e a obra de Figueiredo. Encontram-se reimpressões deste dicionário em 1972, 1979, 1983, 1988, 1990, 1995, 1996, 1999, 2000, 2003, 2005 e 2007 (“Dicionários Editora”). Em todas se repete o único prólogo de 1959. Em todas as edições continua a aparecer na contracapa a indicação [©1959]. Desde esse ano o dicionário é quase o mesmo.

Sem ter em conta o dicionário editado em Buenos Aires por SOPENA no ano 1946, inicia-se em 1960 o a série de dicionários bilingues espanhol-português editados em Espanha<sup>74</sup>. Uma data muito tardia, quase cem anos depois do aparecimento do *Diccionario Español-Português* de Mascarenhas Valdez.

1960 – *Diccionario português-español y español-português* de José Luis Pensado e Enriqueta Ruiz de Pensado (Madrid, ed. Mayfe) [686 págs, 12 cm] **(19º)** Não tem prólogo e está escrito na variante portuguesa. É um léxico breve que oferece a informação essencial habitual em todos os dicionários.

1961 – *Diccionario español-português y português-español* de J. Maria Viqueira Barreiro (Madrid, ed. Aguilar) [1.230 págs, 16 cm] **(20º)** Escrito na variante portuguesa. Tem uma NOTA PRELIMINAR que contribui com interessantes dados, mas sem indicar fontes lexicográficas:

<sup>73</sup> Como aconteceu com a publicação da 2ª edição do *Diccionario Español-Português*, José Maria Viqueira escreveu uma recensão ao *Dicionário Português-Espanhol* intitulada “Julio Martínez Almoyna – **Dicionário de português-espanhol**. Porto (Porto Editora, Lda), s. d., 1539 pp.” Publicada na *Revista de Filologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de Estudos Românicos* [vol. XII, año 1962, págs. 265-268]. Também elogia a obra em frases como a seguinte: “Todo lo superó el espíritu científico, el saber hondo y el hacer paciente de Martínez Almoyna al componer su *Dicionário de português-espanhol*.” Em 1996 publicou-se o *Dicionário Mini espanhol-português, português-espanhol* da Porto Editora. [496 págs, 11 cm] Versão reduzida do dicionário de 1959 → **(18º)** e posteriores edições. (A segunda edição é de 1997 e a actual de 2008).

<sup>74</sup> E nesse ponto a eleição de uma norma ou outra parece-nos muito importante. Que move as diferentes editoras espanholas a elegerem a norma portuguesa ou a brasileira? Estarão cientes de que existem ambas? Serão importantes as questões do prestígio, do maior número de falantes e portanto maiores vendas? Consideram o facto de o espanhol e o português serem no Mercosul línguas oficiais, e que o Brasil tem o maior número de potenciais clientes?

“[...] tropecé con el enorme obstáculo de la falta de un Diccionario Español-Portugués y Portugués-Español, moderno, [...] Ninguno había que reuniese, en una aproximación ideal, semejantes condiciones. Sólo unos breves Vocabularios de tipo «liliputiense» y otro más reciente y extenso argentino; pero todos ellos muy incompletos y bastante imperfectos. Y aun así, difíciles de encontrar. Lo mejor que se había publicado en este sentido era el Nuevo Diccionario Español-Portugués y Portugués-Español –dos pequeños volúmenes– del vizconde de Wildik, editado por la casa Garnier Hermanos, de París [...]”.

Responde à estrutura geral do DRAE acrescentando alguns exemplos.

1963 – *Dicionário espanhol-português* de Éverton Florenzano (Rio de Janeiro, Edições de Ouro) [336 págs, 16 cm] **(21º)** Contém prólogo e tal como Hamílcar de Garcia parte de uma base pan-lusa. As suas fontes são o DRAE e Mascarenhas Valdez na parte espanhola e, na portuguesa os dicionários de Cândido de Figueiredo e o *Pequeno Dicionário Brasileiro* de Lima e Barroso (1946). Trata-se de um dicionário breve com a informação recolhida pelos dicionários anteriores que têm esse formato.

1966 – *Vocabulário Espanhol-Português* de Gayán Hernanz, Pablo / Gayán Mouta, Gonçalo e Júnior, José Rodríguez (Lisboa, Livraria Luso-Espanhola) [700 págs, 19 cm] **(22º)** Carece de prólogo. Opta pela variante portuguesa.

Ao longo dos anos 60 – *Dicionário espanhol-português; mais de 15.000 americanismos incluídos* de A. Tenorio d’Albuquerque (Belo Horizonte, ed. Itatiaia) **(23º)** Não temos a data exacta já que não há notícias em nenhuma biblioteca desse dicionário na sua primeira edição. Contudo, no prólogo reproduzido na edição de 1991 aparece uma referência clara ao uso da vigésima sexta edição do DRAE (1936) e uma quantidade enorme de notas fazendo referência a artigos ou publicações que datam de entre 1930 e 1958. Veremos o seu conteúdo na edição de 1991. Variante brasileira. Informação breve.

1966 – *Diccionario portugués-español, español-portugués según las normas del acuerdo ortográfico luso-brasileño de 1945 y de la última edición de la Real Academia Española*. A autoria é do português Júlio da Conceição Fernández, que na editora HYMSA de Barcelona iniciou uma colaboração frutífera. [P-E > 878 págs. / E-P > 1.016 págs, 15 cm] **(24º)** Contém um prefácio em que não se indicam as fontes da obra (embora no título mencione a RAE), mas apenas informação acerca do seu uso. Apareceram contínuas reedições até à actual de 2007. O dicionário apresenta sempre o mesmo texto; não houve revisões nem actualizações desde 1966<sup>75</sup>. Em todas as obras aparece o mesmo prefácio, o primeiro, sem nenhuma alteração. Recolhe a informação dos dicionários anteriores, continua presente o DRAE, e repete os mesmos adágios.

1966 – *Diccionario portugués-español, español-portugués / Dicionário português-espanhol, espanhol-portugués* dirigido por David Ortega Cavero<sup>76</sup> (Barcelona, ed. RAMÓN SOPENA) [1.343 págs, 22 cm] **(25º)** O dicionário foi escrito na variante portuguesa e o prólogo nada diz sobre as fontes. Lamenta-se da pouca projecção do português em Espanha e, no geral, enaltece as línguas de ‘Cervantes y Camões’. A obra segue a estrutura do DRAE.

Deste dicionário afirma Ponce de León (2003: 2) numa resenha que fez ao DIBU (*Diccionario bilingüe de uso: español-portugués, portugués-espanhol*, 2003, ARCO):

“[Após falar dos dicionários da Porto Editora de 1951 e 1959 como únicos representantes da lexicografia bilingue hispano-lusa] A panorama tan desolador se añadió en la década pasada la mutilación indiscriminada que sufrió el *Diccionario español-portugués, portugués-español* de David Ortega Cavero, publicado

<sup>75</sup> Temos conhecimento das seguintes edições (com inúmeras reimpressões cada uma delas): 1966 [1ª ed.], 1975 [2ª ed.], 1976 [3ª ed.], 1980 [4ª ed.], 1985 [6ª ed.], 1987 [7ª ed.], 1989 [8ª ed.]. A partir dos anos 90 não se especifica a edição mas o texto é o mesmo: 1990, 1992, 1993, 1995, 1999, 2000 e 2007.

<sup>76</sup> Houve uma reedição em 1973. A partir de 1975, Júlio da Conceição Fernández encarregou-se da obra actualizando-a e fazendo-lhe uma revisão.

por la editorial barcelonesa RAMÓN SOPENA en 1966 y revisado y puesto al día por Júlio da Conceição Fernandes en 1977<sup>77</sup>. A partir de 1990, Sopena dejó, lamentablemente, de editar dicha obra –quizás la más rigurosa de todas sus congéneres– para, en 1996, pasar a publicar, con el título *Mega portugués: portugués-español / espanhol-português*, una inexplicable refundición sin criterio lexicográfico alguno”.

1975 – *Diccionario portugués-español, español-portugués = dicionário português-espanhol, espanhol-português*<sup>78</sup> de David Ortega Caveró. Tem as duas direcções, como o de 1966, mas revisto por Júlio da Conceição Fernández (Barcelona, EDITORIAL SOPENA) [1.856 págs, 25 cm] (26º). É o mesmo que o anterior e reproduz o mesmo prólogo. Observa a variante portuguesa. Posteriormente, tal como fará a PORTO EDITORA, a editora RAMÓN SOPENA, publicará os seus dicionários sem especificar o autor. Em todo o caso, consideramos que as obras originais devem ter servido de base para as actualizações e edições posteriores.

1978 – *Vértice: diccionario portugués-español, español-portugués*<sup>79</sup> (Madrid, ed. EVEREST) [524 págs, 13 cm] (27º) Carece de prólogo. Não se mencionam fontes. Observa a variante portuguesa. É o primeiro dos bilingues espanhol-português que publicará esta editora. Trata-se de um glossário que segue a estrutura dos glossários aparecidos neste campo desde Macedo (1869). Na macroestrutura da parte português-espanhol aparece nas primeiras entradas o mesmo erro ortográfico que os dicionários imediatamente anteriores (SOPENA 1966 e 1975).

1979 – *Dicionário português-espanhol, español-portugués* da PORTO EDITORA (Porto) que começou com esta obra a sua colecção de ‘Dicionários Académicos’ (28º). Sem prólogo. Observa a variante portuguesa. Estes “Dicionários Académicos” são de pequeno formato (14 cm.) e afastam-se na sua concepção e disposição da informação da obra original de 1951 e 1957 (2ª edição). Acham-se edições (ou reimpressões) em 1983, 1989, 1990, 1994, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2006 e 2008. Veremos uma amostra na edição de 2008 tratada na sua ordem cronológica (50º). A informação é mais concisa e cada vez adquire mais importância um aspecto que é essencial nos dicionários espanhol-português: os *discriminadores semânticos ou de contexto*, sobretudo, para matizar a *frequência de uso*. Este tentará ser, a partir de então, o critério para a selecção dos equivalentes<sup>80</sup>.

<sup>77</sup> A primeira edição do dicionário de Ortega Caveró que reviu Júlio da Conceição Fernández tem data de 1975.

<sup>78</sup> Reeditado em 1975, 1977, 1982, 1985, 1987, 1988 e 1990. Houve reimpressões em 1992, 1994, 1996, 1997 e 1998.

<sup>79</sup> E em 1999 apareceu o *Diccionario Everest vértice portugués-español-español-portugués*, Madrid, EVEREST DE EDICIONES Y DISTRIBUCIÓN, S.L., [2001 18ª impr.]

<sup>80</sup> Este é um ponto muito importante entre as duas línguas que nos ocupam. De entre a variedade possível de dicionários (histórico, de língua, de dúvidas, de uso, etc.) o bilingue ideal no par espanhol-português deveria ser o de uso. Duas são as razões fundamentais dessa afirmação: a) o diferente uso que se faz do léxico comum e b) a especificidade praticada pela língua portuguesa na utilização do léxico.

Faremos uma pesquisa através de alguns dos dicionários mais usados de duas palavras (*fabricación* e *influir*) que nos vão ajudar a demonstrar a situação da lexicografia bilingue espanhol-português e vice-versa, e o pouco rigor com que se tem aplicado o critério do uso específico da língua como ponto principal entre as línguas espanhola e portuguesa.

A palavra *fabricación* tem dois equivalentes portugueses: *fabricação* (industrial) e *fabrico* (caseira, embora cada vez mais seja usada também para a industrial). Nestes dois casos, a segunda palavra é a mais utilizada. Para o espanhol *influir* [ter influência] encontramos em português *influenciar* como equivalente comumente usado (embora também exista *influir*, de escasso uso nesta acepção).

As seguintes frases espanholas com as traduções portuguesas vão esclarecer a questão:

-Galletas de fabricación casera: *Bolachas de fabrico caseiro*.

-La opinión del profesor influye a los alumnos: *A opinião do professor influencia os alunos*.

Veja-se como se especificam essas entradas nos seguintes dicionários:

1983 – *Grande Dicionário Latino-Americano Português-Espanhol* de Ídel Becker (São Paulo, ed. Nobel<sup>81</sup>) [499 págs, 21 cm] (29º) Sem prólogo. Observa a variante brasileira. É um dos poucos dicionários que apenas apresenta a direcção português-espanhol e segue – salvaguardando as óbvias distâncias – a estrutura do DRAE e a do dicionário de C. de Figueiredo a partir da 5ª edição de 1939 e seguintes.

1991 – *Dicionário espanhol-português: mais de 15.000 americanismos incluídos*<sup>82</sup> de A. Tenório D’Albuquerque (Belo Horizonte, ed. Villa Rica) [1.377 págs, 16 cm] (30º) Variante brasileira. Contém prólogo que incide sobre a necessidade de um bom dicionário espanhol-português. As suas fontes são o DRAE, trabalhos sobre linguística hispano-americana assim como vocabulários específicos do espanhol da América e para a parte portuguesa usa vocabulários brasileiros. Corresponde ao 23º publicado por D’Albuquerque com ligeiríssimas modificações.

1992 – *Michaelis: pequeno dicionário espanhol-português, português-espanhol*<sup>83</sup> de Helena B. C. Pereira e Rena Signer (São Paulo, ed. Melhoramentos) [632 págs, 15 cm] (31º) Não apresenta prólogo. Observa a variante brasileira. É um glossário de palavras frequentes.

1994 – *Minidicionário espanhol-português, português-espanhol* de Eugenia Flavian e Gretel Eres Fernandes (São Paulo, ed. Ática) [678 págs, 14,5 cm] (32º) O dicionário apresenta-se sem

— *Diccionario Español-Portugués*, M. Valdez, Lisboa (1864).

**Fabricación.** *f.* Fabricação; acção de fabricar.

**Influir.** *a.* Influir; actuar, causar certos efeitos, uns corpos nos outros. *Influere* – (fig.) influir, concorrer, intervir; exercer influencia moral. *Ad rem conferre.*

— *Dicionário espanhol-português/português-espanhol* da PORTO EDITORA, Porto (1951/1959).

**Fabricación,** *s. f. e ef. de fabricar;* fabricação.

**Influir,** *v. t.* Influir, actuar, causar certos efeitos, uns corpos nos outros; estimular; *fig.* influir, concorrer, cooperar, contribuir para o êxito dum negócio.

— *Vocabulário Espanhol-Português*, [Gayán-Rodrigues], LIVRARIA LUSO-ESPANHOLA, Lisboa (1966).

**Fabricación.** *f.* – fabricação; fabrico.

**Influir.** *tr.* – influir.

— *Dicionário português-espanhol/espanhol-português* [Júlio da Conceição Fernandes], HYMSA, Barcelona (1966)

**Fabricación,** *f. ac.e ef. de fabricar.* / fabricação. **Influir,** *vt.* Influir. / (fig.) concorrer, cooperar.

— *Dicionário geral português-espanhol/espanhol-português* da VOX, Barcelona, 1999. (É o da PORTO EDITORA de 1951/1959).

— *Dicionário espanhol-português/português-espanhol* da PORTO EDITORA (1951/1959. 8ª edição de 2004, a mesma informação).

— *Diccionario bilingüe de uso: español-portugués / portugués-espanhol*, [Moreno-González], ARCO/LIBROS, Madrid (2003).

**Fabricación.**

**Influir 1 intr.** FIG. Influenciar, ter influência. **2**

Não consta.

Influir, influenciar, refletir.

— *CIMA, Dicionário español - portugués / portugués-espanhol*, EVEREST, León (2005).

**Fabricación** *s.f.* fabrico.

**Influir v.tr.** **1.** influir. **2.** (moralmente) influir. / *v.int.*

**3.** (moralmente) influenciar.

Como se vê, não existe um dicionário ideal. Por defeito é uma obra velha já no mesmo momento da sua publicação, mas isso não justifica que durante anos se mantivessem inalteradas muitas das soluções oferecidas que mudaram com o passar do tempo, ou o que ainda é pior, que nunca funcionaram ou que já não funcionavam na altura em que foi publicado o compêndio lexicográfico.

<sup>81</sup> Neste ponto temos de referir o *Diccionario español-portugués, português-español / espanhol-português, português-espanhol*, de Ídel Becker. Foi publicada uma primeira impressão deste dicionário no México pela editora NORIEGA. Na página de créditos lê-se que corresponde à décima segunda edição publicada no Brasil. Desconhecemos a primeira edição no Brasil desta obra, a publicada no México, porém, responde, a parte espanhol-português ao *Grande Dicionário Latino-Americano Português-Espanhol* de 1983 → (29º) e, a parte português-espanhol ao *Dicionário popular espanhol-português* de 1951 → (14º). Parece ser que procede de uma edição anterior do mesmo dicionário publicado em Belo Horizonte (Ed. ITATIAIA) em 1970, obra de consulta impossível.

<sup>82</sup> No Rio de Janeiro, em 2001 publicou-se o mesmo dicionário com diferente tipografia; *Dicionário espanhol-português: mais de 15.000 americanismos incluídos* (Livraria GARNIER) [1.230 págs, 28 cm]

<sup>83</sup> Em 1992 publicou-se em Buenos Aires pela LAROUSSE ARGENTINA o *Larousse: español-portugués, português-espanhol*. É a mesma obra brasileira → (31º).

prólogo<sup>84</sup>. Observa a variante brasileira. Na microestrutura quase não utiliza discriminadores semânticos, são supridos com uma infinidade de exemplos de uso. Embora a informação continue a ser a essencial de obras passadas, a disposição é nova usando muitos sinais tipográficos que facilitam a leitura.

1995 – *Diccionario português-espanhol, español-portugués* de Ángeles Martín e Weissman Waltraud<sup>85</sup> (Barcelona, ed. Juventud) [524 págs, 19 cm] **(33º)** O prólogo, de apenas uma página, carece de interesse. Observa a variante brasileira. Trata-se de um glossário onde se oferecem os diferentes equivalentes (quando há mais de um) como se fossem sinónimos absolutos. Não há discriminadores de contexto.

1996 – *Mega português, português-español, espanhol-portugués*<sup>86</sup> (Barcelona, SOPENA) [847 págs, 24 cm] **(34º)** Apresenta o prólogo, um pouco refundido, do dicionário de 1966 → **(25º)** e 1975 → **(26º)**. Tem menos entradas.

A seguir, falaremos de duas editoras espanholas que publicaram os seus dicionários bilingues espanhol-português em data muito recente, a GRIJALBO-MONDADORI e a (LAROUSSE)-VOX.

1998 – *Diccionario Collins gem español-portugués, português-español*<sup>87</sup> (Barcelona, GRIJALBO-MONDADORI) [623 págs, 11 cm] **(35º)**. Contém um prólogo sem interesse, não indica fontes e está escrito na variante brasileira embora indique as soluções portuguesas peninsulares. É já uma obra moderna onde os discriminadores desempenham um papel muito importante. Também é importante a frequência de uso e dispõe a informação assinalando as soluções brasileiras e do espanhol da América.

1999 – *Diccionario geral português-espanhol, espanhol-portugués / Diccionario general español-portugués, português-español*<sup>88</sup> [1.332/1.068 págs, 22 cm] **(36º)** (Barcelona, LAROUSSE na marca VOX). Como foi dito anteriormente, o primeiro dicionário bilingue espanhol-português da VOX é o da PORTO EDITORA de 1957 (2ª edição) na parte espanhola; na parte portuguesa corresponde-se exactamente com o da PORTO EDITORA de 1959 (1ª edição). A obra genérica, o ‘geral’ 1999, é uma reimpressão *ipsis verbis* da edição da PORTO EDITORA de 1957 □ **(17º)** (e seguintes). Comprou os direitos do dicionário para o comercializar directamente em Espanha. Inclui os prólogos assinados por Julio Martínez Almoyna em 1951 □ **(13º)** e em 1959 □ **(18º)**. Não existe nenhuma nota ou advertência da editora VOX.

1999 – *Diccionario espanhol-portugués, volume 1 = Diccionario español-portugués, volume 1* (São Paulo, ed. JSN). No ano seguinte apareceu a mesma obra mas com o português como língua de entrada: *Diccionario português-espanhol, volume 2 = Diccionario português-español, volume 2*. [312/356 págs, 23 cm] **(37º)** Observa a variante brasileira.

<sup>84</sup> Em 1996 saiu da imprensa a 3ª edição.

<sup>85</sup> Em 1999 apareceu a 7ª edição.

<sup>86</sup> Foi reeditado em 1998, 2000 e 2003.

-No ano 2001 publicou-se o *Português; iter 2000: diccionario português-español, espanhol-portugués*, da editora SOPENA (Barcelona) [892 págs, 20 cm]

<sup>87</sup> Do mesmo ano é o *Diccionario Collins pocket español-portugués, português-espanhol* [434 págs, 18 cm], versão bolso do *Gem*.

<sup>88</sup> Existem reedições em 2000, 2002, 2003, 2006 e 2007.

Apesar de tudo, cabe dizer que o primeiro dicionário publicado pela VOX foi o *Micro Vox diccionario español-portugués, português-espanhol* [751 págs, 11 cm] em Barcelona em 1997. (É o dicionário *mini* da PORTO EDITORA). Em 1999 publicou-se o *Diccionario essencial português-espanhol, diccionario esencial español-portugués*. [923 págs, 18 cm], versão reduzida do *geral*. Em 2008 apareceu em Barcelona o *Diccionario bilingüe Manual Português-Espanhol / Español-Portugués Vox* da editora Larousse. É uma nova colecção que inicia a editora, os dicionários *Manuales*. [655 págs, 19,5 cm]. O dicionário é uma réplica exacta do *Diccionario português-espanhol / español-portugués; Dicionários Académicos* da PORTO EDITORA, publicado em 2006 no Porto → **(51)** (Nova edição. Dicionários Académicos). A editora espanhola, tal como já se disse, comprou os direitos à portuguesa.

2000 – *Dicionário português-espanhol, espanhol-português* de Ciro Mioranza (São Paulo, Ed. ESCALA). [144 págs, 14cm] **(38)** Observa a variante brasileira<sup>89</sup>.

2000 – *Minidicionário Saraiva: espanhol-português, português-espanhol* da editora SARAIVA (São Paulo). Observa a variante portuguesa [315 págs, 16 cm] **(39°)**. Não tem prólogo, mas adiciona umas páginas em que se explica a estrutura do dicionário. Continua a tónica dos precedentes, sem ser tão exaustivo nos discriminadores de contexto, nem nos exemplos. Em alguns casos oferece definições em vez de equivalentes.

2000 – *Dicionário espanhol-português português-espanhol* (Lisboa, ed. PRESENÇA). Observa a variante portuguesa [564 págs, 20 cm] **(40°)** Contém prólogo sem interesse lexicográfico. Não indica fontes.

2000 – *Diccionario español-portugués, portugués-español* (Alcobendas, Madrid, ed. ÁGATA) [445 págs, 19 cm] **(41°)** Não apresenta prólogo nem especificações para o uso da obra. Está escrito na variante brasileira. Trata-se de um glossário sem discriminadores semânticos.

2000 – *Dicionário Larousse Ática avançado: espanhol-português, português-espanhol* (Rio de Janeiro, ed. ÁTICA) [407 págs, 27 cm] **(42°)** Observa a variante brasileira. Não indica fontes. Apresenta uma estrutura muito parecida com o da editora PRESENÇA de 2000; oferece, não obstante, mais informação, incluindo abreviaturas como entradas, um recurso típico dos primeiros dicionários do século XIX.

2001 – *Gran Diccionario Espasa español-portugués/portugués-español*<sup>90</sup> (Madrid, ESPASA-CALPE) [1.296 págs, 25 cm] **(43°)** Editaram-se diferentes versões. Contém uma pauta de consulta. Observa a variante brasileira. A obra atende a frequência de uso e apresenta discriminadores de contexto.

2002 – *Grande Biblioteca Multilingue* da PORTO EDITORA (Matosinhos, Porto) [302 págs, 22 cm] **(44°)** Trata-se de uma enciclopédia de treze volumes. Nos dois últimos introduziu um glossário espanhol-português e português-espanhol. Contém informação mínima. Não oferece prólogo. Observa a variante portuguesa.

2002 – *Everest Vértice. Diccionario español-portugués/portugués-español*<sup>91</sup> (León, ed. EVEREST) [762 págs, 14 cm] **(45°)** Contém uma introdução. Observa a variante portuguesa. Esta obra aplica com mais rigor os discriminadores semânticos, mas em alguns casos ainda se vê que não tem em conta o factor da frequência de uso quando dispõe as acepções de uma palavra.

2003 – *Diccionario Bilingüe de Uso: español-portugués/portugués-español* [DIBU]<sup>92</sup> de Francisco Moreno e Neide Maia González (Madrid, ed. ARCO/LIBROS), 2 volumes. [891/1.290 págs, 25 cm] **(46°)** Contém prólogo e quando se refere à língua portuguesa considera apenas o Brasil. Não menciona fontes. Observa a variante brasileira. O dicionário, ao ser de uso oferece muita informação com sinais gráficos que são chamadas de atenção. Com um leatório menor do que as obras precedentes, apresenta muita informação gramatical, mas não tem discriminadores

<sup>89</sup> Não podemos dizer mais nada destes dois dicionários (37 e 38) uma vez que devido a problemas pelos direitos de autor, as bibliotecas brasileiras não nos facilitaram a consulta; não se encontram na Península exemplares destas obras, pelo menos catalogados.

<sup>90</sup> Também em 2001 a editora ESPASA-CALPE publicou o *Diccionario Pocket, español-portugués/portugués-español* em Madrid. [872 págs, 17 cm]. É uma versão reduzida do *Gran Diccionario*. No mesmo ano também publicou o *Diccionario Espasa mini español-portugués/portugués-español* em Madrid. [616 págs, 14 cm] Versão de bolso do *Gran diccionario*.

<sup>91</sup> Em 2003 publicou-se em León o *Everest Vértice Brasil, Diccionario español-portugués / Dicionário português-espanhol*. [766 págs, 14 cm]. Trata-se do *Everest Vértice* de 2002 adequando a fonética à pronúncia brasileira do português e o *Everest Punto (Brasil), Diccionario español-portugués / Dicionário português-espanhol*. [511 págs, 11 cm]. É a versão micro do dicionário anterior. Em 2005 apareceu o *Cima. Diccionario Español-Portugués/Portugués-Espanhol*. Trata-se de uma ampliação do *Vértice* do ano 2002. [926 págs, 20 cm]

<sup>92</sup> Em 2006 publicou-se o *Diccionario esencial español-portugués / português-espanhol*, Francisco Moreno e Neide González, Madrid, ARCO LIBROS. [852 págs, 22 cm]. É uma versão reduzida do aparecido em 2003.

semânticos ou de contexto, que supre com exemplos. A frequência de uso está presente, mas não em todos os casos.

2003 – *Océano Compact Español-Portugués/Portugués-Español*<sup>93</sup> (Barcelona, ed. OCÉANO) [1.216 págs, 19 cm] (47º) O prólogo aborda o tema do desenvolvimento cultural entre os países de fala espanhola e portuguesa. Não indica fontes. Observa a variante brasileira. Trata-se de um glossário, mas dá mais informação do que seria de esperar neste tipo de obras.

2004 – *Anaya bilingüe español portugués, portugués español: [Glossário básico principiantes]* da ed. ANAYA (Madrid) [431 págs, 21 cm] (48º) Observa a variante portuguesa. Não indica fontes. Numa *Introducción* diz-se que “Este livro está pensado para um público com pouco ou nenhum conhecimento de espanhol, para principiantes, sejam escolares ou não, sejam adolescentes ou adultos”. É um glossário, mas com um exemplo de uso em cada entrada.

2004 – *Diccionario Universal Compacto Portugués-Espanhol* da TEXTO EDITORA (Lisboa) [1.061 págs, 24 cm] (49º) Observa a variante brasileira. Não contém prólogo. Este dicionário apresenta a estrutura de um glossário, dando mais informação em algumas entradas onde a acumulação de informação é tradicional.

2006 – *Diccionario Universal Integral Espanhol-Portugués, Portugués-Espanhol* (Lisboa, TEXTO EDITORA) [E-P 1.061 / P-E 1.011 págs, 24 cm] (50º) Carece de prólogo. Observa a variante portuguesa. É um glossário que apresenta a mesma estrutura que os anteriores dicionários comentados como glossários ou vocabulários com muitas menos entradas do que os restantes.

2006 – *Diccionario Avanzado Larousse Español-Portugués, Portugués-Español* (São Paulo, Edições LAROUSSE DO BRASIL) [655 págs, 23 cm] (51º) Observa a variante brasileira. Contém uma “apresentação” sem especificar fontes lexicográficas. Este dicionário aplica com rigor os discriminadores semânticos e no leamário incluem-se muitas siglas modernas e vozes novas.

E recentemente publicaram-se actualizações das obras da PORTO EDITORA.

2008 – *Diccionario portugués-espanhol / español-portugués; Diccionários académicos* da PORTO EDITORA (Porto). Nova edição. [749/767 págs, 14 cm] (52º) Sem prólogo. Observa a variante portuguesa. O dicionário corresponde à edição actualizada da obra de 1979 (27º); os discriminadores semânticos são a sua inovação principal.

2008 – *Diccionario Espanhol-Portugués* nos ‘Diccionários Editora’. Na capa pode ler-se “Edição 2009 melhorada” [1.376 págs, 25,3 cm] (53º) Observa a variante portuguesa. Pela primeira vez desde 1951, não aparecem os prólogos da 1ª e 2ª edições como era costume, já que se trata de uma versão totalmente renovada da obra de Julio Martínez Almoyna. O coordenador foi Álvaro Iriarte Sanromán. Ao contrário das obras anteriores, o dicionário é

“resultado de anos de investigação e de um profundo trabalho lexicográfico e obedecendo a uma preocupação de rigor e modernização, esta obra pretende reflectir com clareza o estado actual da língua espanhola e a sua correspondência em língua portuguesa”.

Todos os princípios metalexográficos foram aplicados com o maior rigor, sendo os pontos fortes o discriminador semântico e a frequência de uso.

2010 – *Diccionario Vox Esencial Portugués-Espanhol/Español-Portugués* [742 págs, 17,5 cm] (54º) da ed. LAROUSSE (Barcelona), redigido a partir de critérios estabelecidos pela editora, com a consultoria de Ignacio Vázquez. Existe também uma versão designada *mini*. É o primeiro dicionário que aplica o ‘Acordo ortográfico’ que entrou em vigor em 2008.

<sup>93</sup> Em 2004 publicou o *Océano Pocket Español-Portugués, Portugués-Espanhol* da editora OCÉANO em Barcelona. [832 págs, 16 cm]. Versão reduzida do *Compact*. Também o *Océano Básico Español-Portugués, Portugués-Espanhol* da editora OCÉANO em Barcelona. [640 págs, 11 cm]. Versão de bolso do anterior. E ainda no mesmo ano publicou-se o *Sánchez-Moraes Portugués-Espanhol, Español-Portugués (Océano)* em Barcelona [1.024 págs, 26 cm]. É uma reimpressão com tipografia e tamanho diferente do *Compact* aparecido em 2003.

2010 – *Dicionário Académico Espanhol-Português/Português-Espanhol* [1.360 págs, 15 cm] **(55°)** na colecção ‘Dicionários Académicos’; *Dicionário Mini Espanhol-Português/Português-Espanhol* [496 págs, 10,5 cm] **(56°)** na colecção ‘Mini’; *Dicionário Escolar Espanhol-Português/Português-Espanhol* [736 págs, 18,5 cm] **(57°)**, o primeiro de uma nova série; *Dicionário Moderno Espanhol-Português/Português-Espanhol* [1.040 págs, 18,5 cm] **(58°)**. Todos eles da PORTO EDITORA (Porto), redigidos segundo o ‘Acordo ortográfico’. São obras modernizadas e marcam os contextos semânticos segundo a frequência de uso.

## 5. Conclusões

Sobre as 58 obras publicadas, atendendo à questão ortográfica, observa-se que de 1864 a 1900 se publicaram 5 dicionários em Portugal (um deles também em França); de 1900 a 1943 publicaram-se 3 dicionários, 1 em Portugal e 2 no Brasil (um deles também em França), e de 1943 à actualidade foram publicados 50 dicionários, 17 em Portugal, 15 no Brasil, 1 na Argentina e 17 em Espanha.

Os do primeiro e segundo grupos utilizaram a ortografia portuguesa correspondente ao período anterior ao “Acordo ortográfico” de 1943. Os do terceiro grupo apresentam a seguinte distribuição: 13 portugueses foram escritos na variante portuguesa e 4 segundo o novo acordo, os 15 brasileiros na variante brasileira, o dicionário argentino mistura ambas as variantes e, dos 17 espanhóis, 9 oferecem a variante portuguesa, 6 a brasileira, 1 mistura as duas e 1 é conforme ao novo acordo. No caso espanhol, os dicionários mais recentes anteriores ao ‘Acordo’ apresentam todos a variante brasileira da norma.

Em números totais, há 1 dicionário na Argentina (bidireccional), 17 em Espanha (bidireccionais), 24 em Portugal (6 monodireccionais espanhol-português, 3 monodireccionais português-espanhol e 15 bidireccionais) e 16 no Brasil (7 monodireccionais espanhol-português, 2 monodireccionais português-espanhol e 7 bidireccionais). Ainda faremos outra divisão consoante o tipo de obra: os que são propriamente dicionários (D.) e os que apresentam a estrutura de um léxico (L.), vocabulário ou glossário (V.).

<b>Portugal (24)</b> <b>[6-EP, 3-PE, 11-EP/PE]</b>	<b>Brasil (16)</b> <b>[7-EP, 2-PE, 7-EP/PE]</b>	<b>Espanha (16) [17-EP/PE]</b> <b>Argentina (1) [1-EP/PE]</b>
1° M. Valdez 1864 (E-P) D. 2° Macedo 1869-70 (E-P/P-E) L./V. 3° Figaniere 1879-80 (E-P/P-E) D. 4° Wildik 1897 (E-P/P-E) L./V. 5° Marques/Monsó 1897-1900 (E-P/P-E) D. 6° Mesquita 1904 (E-P/P-E) L./V. 7° Coelho 1911 (P-E) D.	8° Hamílcar 1943 (E-P) D. 9° Becker 1945 (E-P) D.	
12° Calarrão 1947 (P-E) L./V. 13° Porto Editora 1951 (E-P) L./V.	11° Hamílcar 1947 (P-E/E-P) D.	10° Sopena Argentina 1946 (E-P/P-E) L./V.
16° Coelho 1955 (E-P) L./V. 17° Porto Editora 1957 (E-P) D.	14° Becker 1951 (E-P) D. 15° Hamílcar 1955 (5ª ed. 1943) (E-P) D.	

18° Porto Editora 1959 (P-E) D.		19° Pensado 1960 (E-P/P-E) L./V. 20° Viqueira 1961 (E-P/P-E) D.
22° Gayán 1966 (E-P) L./V.	21° Florenzano 1963 (E-P) L./V. 23° D'Albuquerque Años 60 (E-P) D.	24° Hyma Ed. 1966 (E-P/P-E) D. 25° Sopena 1966 (E-P/P-E) D. 26° Sopena 1975 >25° (E-P/P-E) D. 27° Everest (Vértice) 1978 (E-P/P-E) L./V.
28° Porto Editora 1979 >50° (E-P/P-E) D.	29° Becker 1983 (P-E) D. 30° D'Albuquerque 1991 (E-P) D. 31° Pereira 1992 (E-P/P-E) L./V. 32° Flavian 1994 (E-P/P-E) D.	33° Ed. Juventud 1995 (E-P/P-E) L./V. 34° Sopena 1996 (E-P/P-E) D. 35° Grijalbo-Mondadori 1998 (E-P/P-E) D. 36° Vox 1999 >18° (E-P/P-E) D.
40° Presença 2000 (E-P/P-E) D.	37° JSN 1999-2000 (E-P/P-E) D. 38° Mioranza 2000 (E-P/P-E) D. 39° Saraiva 2000 (E-P/P-E) D.	41° Ágata 2000 (E-P/P-E) L./V. 43° Espasa-Calpe 2001 (E-P/P-E) D.
44° Porto Editora 2002 (E-P/P-E) L./V.	42° Ática 2000 (E-P/P-E) D.	45° Everest (Vértice) 2002 (E-P/P-E) D. 46° Arco-Libros 2003 (E-P/P-E) D. 47° Océano 2003 (E-P D./P-E) L./V.) 48° Anaya 2004 (E-P/P-E) L./V.
49° Texto 2004 (E-P/P-E) L./V. 50° Texto 2006 (E-P/P-E) L./V.	51° Larousse do Brasil 2006 (E-P/P-E) D.	54° Larousse-vox 2010 (E-P/P-E) D.
52° Porto Editora 2008 (E-P/P-E) D. 53° Porto Editora 2008 (E-P) D.		
55° Porto Editora 2010 (E-P/P-E) D. 56° Porto Editora 2010 (E-P/P-E) D. 57° Porto Editora 2010 (E-P/P-E) D. 58° Porto Editora 2010 (E-P/P-E) D.		

Na direcção espanhol-português vemos que há 36 dicionários e 17 léxicos, vocabulários ou glossários.

Quanto aos dicionários, vemos que há continuidade de Valdez (1864) [1] a Figaniere (1879) [3]. Também com a obra seguinte, o dicionário de Marques/Monsó (1897) [5], embora reduzindo a informação.

A obra de Hamílcar (1943) [8] apresenta continuidade, mas rejeita de Valdez as entradas não contempladas pela RAE<sup>94</sup>. Os dicionários seguintes, até aos anos 80 do século XX, apresentam claramente a estrutura do DRAE, basicamente a posterior a 1925 e 1936, como se vê no dicionário de Becker (1945) [9]. E assim, continuam com essa estrutura os dicionários de Becker (1951) [14], Hamílcar (1955) [15], PORTO EDITORA (1957) [17], Viqueira (1961) [20], D'Albuquerque (anos 60) [23], HYMSA (1966) [24], SOPENA (1966) [25] e SOPENA (1975) [26], com pequenas particularidades distintas.

Os restantes dicionários até hoje são formal e estruturalmente diferentes. Apresentam uma estrutura informatizada e tentando observar (sem sucesso, em muitos casos) o critério da frequência de uso e a especificação semântica como base para a redacção da obra. Todavia, a informação do dicionário da 'Real Academia Española' está presente. Neste grupo estão desde o dicionário da PORTO EDITORA de 1979 [28] até ao mais actual da mesma editora de 2010 [58].

No que diz respeito àquelas obras que foram classificadas como léxicos, glossários ou vocabulários, apresentam a informação fundamental do DRAE e de Valdez em pequeno formato.

Na direcção português-espanhol há 31 dicionários e 15 glossários, vocabulários ou léxicos. Seguem também a estrutura básica do DRAE (e de Valdez); no lemiário sobressai o *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Roquete/Fonseca (1848) e a partir de Marques/Monsó (1897) [5] o *Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa* de Caldas Aulete (1881) e o *Novo dictionario da lingua portuguesa* de Cândido de Figueiredo (1899), que persistem até aos anos 80 do século XX.

A partir da obra de Pereira (1992) [31] a formalização é diferente dos dicionários anteriores e tem continuidade até ao presente (com as particularidades próprias de cada editora). Perde-se a estrutura do DRAE (não a informação básica). Tal como já se afirmou sobre a parte espanhol-português, a organização da informação é informatizada e privilegia-se o critério da frequência de uso e da especificação semântica como base para a elaboração da obra. Neste grupo estão desde o dicionário da PORTO EDITORA de 1979 [28] até à obra de 2010 [58].

Os léxicos, glossários ou vocabulários apresentam a informação fundamental do DRAE, de Caldas Aulete e Cândido de Figueiredo.

A suposição (muito divulgada) da aparente proximidade entre espanhol e português resulta em falsos preconceitos. Exceptuando os dicionários aparecidos nos últimos tempos, em que a tendência se dirige para a frequência de uso do léxico, as obras anteriores são claramente dicionários históricos: recolhem o léxico consoante a antiguidade no idioma e não segundo a sua utilização. Aliás, os dicionários espanhol-português (já bem entrado o século XX) partem dos espanhóis feitos pela *Real Academia Española* e daí resultam traduções quase literais para a língua portuguesa, sem as adequações imprescindíveis. Contudo, os dicionários aparecidos a partir dos anos 80 do século XX têm em conta esta particularidade como ponto principal na sua planificação e redacção, facto que permite caracterizar a lexicografia bilingue espanhol-português como uma lexicografia actual e com perspectivas de uma modernização contínua.

<sup>94</sup> São alguns exemplos: *aa*, *aabam*, *aam*, *ab*, *aba* (1 e 3), *abab* e *abaca*. Salvo *abab* e *abaca*, as restantes não se registam hoje. *Abab* regista-se pela primeira vez em 1884, desaparece em 1925 e volta a recuperar-se em 1950. *Abaca* ocorre em 1869.

## Para una historia contrastiva de la lexicografía portuguesa y española: el español en los diccionarios trilingües portugueses del siglo XVII

*Amparo Ricós Vidal (Universitat de València - España)*

1. En la segunda mitad del siglo XVI irrumpen las figuras esenciales de la lexicografía lusa. Sin embargo, a diferencia de otras lexicografías, como la española, la portuguesa no se caracterizó por la producción de diccionarios bilingües entre lenguas europeas, debido a que los intereses comerciales con África, Asia y Brasil motivaron la elaboración de vocabularios y gramáticas entre el portugués y las lenguas con las que entraba en contacto, así como por la importancia que tuvo el latín como lengua de cultura en Portugal. En este panorama, y determinada por el contexto político y cultural, destaca con mayor motivo la publicación en el primer tercio del siglo XVII de una serie de vocabularios plurilingües, basados en el *Calepino*, que, aun dedicados a la enseñanza del latín, incorporan el portugués y el español. Son los diccionarios de Amaro de Roboredo y del padre Bento Pereira.

1.1. Amaro de Roboredo desempeñó un papel importante en el desarrollo de la gramática portuguesa, en especial en la formación de nuevos tipos de gramática y en la descripción lingüística de índole universal, pero también destacó en el campo de la lexicografía lusa (Kossarik, 2002). Su segundo libro fue *Raízes da Língua Latina*<sup>95</sup>, un diccionario latino-portugués-español, que, dada su formación lingüística, hace preceder de un tratado dedicado a los problemas de formación de las palabras latinas y a los cambios que tienen lugar en los procesos de derivación. De hecho, la organización de la entrada del diccionario muestra una atención especial a la formación de las palabras y a la congruencia léxica<sup>96</sup>. El siguiente libro de Roboredo es *Porta de Línguas*<sup>97</sup>, colección de microtextos paralelos en latín, portugués y

<sup>95</sup> *Raízes de língua latina mostradas em hum tratado, e dicionario: Isto he, hum compendio do Calepino com a composição, e derivação das palavras, com a ortografia, quantidade, e frase dellas*. Per Amaro de Roboredo, Portugues. Em Lisboa, Na officina de Pedro Craesbeeck, Impressor del Rei Anno 1621.

<sup>96</sup> Para mostrar as raízes da língua latina, as quaes não são outra cousa mais que as palavras simples, e primitivas, pus antes da simple as particulas componentes, e despois da primitiva, as palavras derivadas, nesta forma. Ad-De-Per-Red- AMO, isto he, Adamo, Deamo, Peramo, Redamo. [...] Porque seria enfastiada, e superflua a interpretação de muitas vozes, que facilissimamente se collige. (Roboredo, 1621: 1)

<sup>97</sup> *Porta de línguas ou modo muito accommodado para as entender publicado primeiro com a tradução Espanhola. AGORA ACRESCENTADA a Portuguesa com numeros interliniaes, pelos quaes possa entender sem mestre estas línguas o que as não sabe, com as raízes da Latina mostradas em hum compendio do Calepino, ou por melhor do Tesouro, para os que a querem aprender, e ensinar brevemente, e para os estrangeiros que desejão a Portuguesa e Espanhola*. Autor Amaro de Roboredo Português. AO ILLVSTRISS. S. D. Francisco de Castelbranco Conde de Sabugal. Da officina de Pedro Craesbeeck impressor del Rei, Anno de 1623.

español, precedidos de tratados de cariz lingüístico (Kossarick, 2002: 12-13; Almeida, 1969a)<sup>98</sup>. Este libro incluye también las *Raiões da Língua Latina*<sup>99</sup>, con un total de 22 416 palabras<sup>100</sup>.

**1.2.** El Padre Bento Pereira publicó una variada y abundante obra lexicográfica, que incluye, además de los diccionarios, una serie de prontuarios especializados sobre teología, ciencias y política, una gramática y una ortografía de la lengua portuguesa.

La primera versión de la *Prosodia*<sup>101</sup>, la versión de 1634, presenta en su estructura y en su nomenclatura una presunción de grandeza, de acumulación al estilo barroco (Verdelho, 1993: 779) De hecho, en esta obra se contiene, además del *Calepino* y el *Tesouro*, un vocabulario triple de voces eclesiásticas, jurídicas y del dominio de la medicina, como informa el propio autor en la primera página. De esta manera, la primera versión de la *Prosodia* contiene unas 40.000 palabras. Este número fue aumentando en las siguientes ediciones, al tiempo que iba retirando de la nomenclatura las formas hápax y los barbarismos, mejoraba las informaciones sobre los nombres propios y alargaba las glosas. En el año 1697, la nomenclatura de la *Prosodia* se fijó en 82 300 entradas (Almeida, 1967a: 11; Verdelho, 1993: 783).

**2.** Aunque las fuentes empleadas por los autores y los motivos que los llevaron a componer las obras son similares, es decir, facilitar una herramienta para la enseñanza del latín, la técnica lexicográfica es distinta y este hecho afecta a la nomenclatura, a la organización de las entradas y a la presencia de hispanismos.

Por un lado, difieren ambos autores en la cantidad de hispanismos registrados. En el título de la obra, Bento Pereira anuncia un vocabulario trilingüe; sin embargo, solo en algunas ocasiones, los lemas van seguidos de las formas españolas, que aparecen en la versión del *Calepino* que utilizó como fuente. A partir de la 6ª edición de 1661, se sustituye en el título el

Las citas están extraídas de esta segunda obra.

<sup>98</sup> Este trabajo de Roboredo es una versión de *Ianua Linguarum* del año 1611 pero se distingue de esta y de las realizadas en España y en Inglaterra porque contienen en la parte introductoria del libro dos textos originales en los que el filólogo portugués analiza varios problemas de la enseñanza de la lengua extranjera, cuestiones de traducción, de morfología, de sintaxis y de lexicología y expone algunas diferencias entre el portugués, el latín y el castellano. Además, Roboredo añade a las frases comentarios gramaticales que no se encuentran en la fuente; estos comentarios van acompañados, en comparación con el *Methodo Gramatical para Todas as Linguas*, de indicaciones sobre las regencias verbales y los géneros de los nombres. No se trata, por tanto, de una simple traducción de *Ianua Linguarum*, sino de una aplicación, por parte de Roboredo, de algunos principios de la filología de la época a la lengua portuguesa (Kossarick, 2002).

<sup>99</sup> Com razão logo pede a obra, que por ser per outro inventada, e per mim acrescentada, ficou dobrada, dobrado patrocínio [...] lhe ajuntei as raízes da lingua Latina paraque se aprenda mais brevemente: porq. muitos a desejo, mas a difficuldade com que em nossos tempos se ensina, todos a aborrecem. (Roboredo, 1623: Prólogo, 16-18).

<sup>100</sup> Para compor pois esta primeira parte de vocabulario, que aquí offereço, trouxe a juizo cada palavra do Calepino e as ponderei, e contei. Porque nas sentenças se conteem 5202, das quaes se colligem outras 17214. E todas fazem somma de 22 416, que este vocabulario comprehende, como no fim delle se pode ver. Algũas compostas das que se colligem se repetem; mas muitas mais derivadas das compostas que sòmante toquei deixei para a segunda parte, e tambem os Participios dos Verbos, cuja derivação se ensina na Grammatica. A interpretação Espanhola ajuntei sòmante aas palavras que se conteem no contexto das sentenças, no qual foram tambem interpretadas. Assi que torno a dar aos Espanhoes a sua Ianua emendada, e acrescentada. E com cuidado tirei a muitas palavras a interpretação Espanhola, paraque se advertisse que nella concordava com a Portuguesa. (Roboredo, 1623: 47-53)

<sup>101</sup> *Prosodia in Vocabularium Trilingue, Latinum, Lusitanicum, & Hispanicum digesta, in qua dictionum significatio, et sylabarum quantitas expenditur.* Authore Benedicto Pereyra. Eborae, Apud Emmanuelem Carualho Academiae Typographum (licença de 1633), por Bento Pereira, 1634.

adjetivo *Hispanicum* por *Castellanicum*, y en la edición de 1697, la lengua española desaparece, se insertan 24.000 voces latinas y la obra se titula *Prosodia en vocabularium bilingue latinum et lusitanicum digesta*. (Vázquez, 2006: 60 nota 23) (Verdelho, 1993: 783; Vázquez, 2006: 61), probablemente por causas políticas (Almeida, 1967a: 8). Telmo Verdelho (1993: 783) contabiliza un 20% de palabras que incorporan la interpretación castellana. Sin embargo, el porcentaje depende de la categoría gramatical, pues en un trabajo previo sobre los adverbios (Ricós, 2009) se puede comprobar que este porcentaje disminuye a un 8'31%, ya que del total de 986 adverbios tan solo 82 están traducidos.

Por el contrario, y a pesar de haber señalado en el *Prólogo* de *Raizes* y en la *Advertência ao leitor* que había retirado un gran número de formas castellanas dado que coincidían en la pronunciación y en la acepción con las portuguesas<sup>102</sup>, Amaro de Roboredo es mucho más constante en la presencia de los hispanismos dado que incorpora las palabras españolas que se registran en las frases<sup>103</sup>. Incluso en la práctica contradice en numerosas ocasiones lo enunciado en el *Prólogo*, como se puede observar en el ejemplo siguiente:

[1] *ĒQUIDEM*

AR: adv. 1302 *Ego quidem. Certamente, em verdade, verdadeiramente. Hisp. Certamēte, en uerdade, uerdaderamente. Pela maior parte se ajunta com as primeiras pessoas.*

BP: *Em verdade.* En verdad.

De las 22 416 palabras de que consta la versión de 1623, 3718 van acompañadas de la traducción al español, un total de 16'58%. No obstante, este porcentaje puede desvirtuar la realidad si tenemos en cuenta dos hechos: por un lado, Roboredo incorpora los derivados dentro del artículo y no como nueva entrada, por lo que normalmente ofrece solo la acepción de la palabra simple al colegirse el significado de la derivada. Así, en lo que atañe a los adverbios (Ricós, 2009) se extrajeron 330, tras excluir los derivados o compuestos que no se encuentran traducidos o interpretados pero sí contabilizados en la nomenclatura, de los cuales, 138 presentaban la forma hispánica, un 41'81 %.

Por otro, el número de hispanismos depende también de la categoría gramatical. De las 3718 palabras traducidas al español, salvo error, 2049 son sustantivos, 1010 pertenecen a la categoría verbo, 457 son adjetivos, 14 se clasifican dentro del grupo pronombre, 32 son conjunciones y 18 son preposiciones, además de los 138 adverbios mencionados.

**3.** Otro aspecto por el que se distinguen ambos autores y que repercute en la presencia de palabras en español es la técnica empleada en la microestructura del artículo.

Bento Pereira incorpora como entradas distintas las palabras simples de las derivadas, aunque estas últimas se encuentren como subentrada dentro de la palabra simple y tipográficamente marcadas con letra cursiva en tamaño más reducido, a imitación del *Calepino*. El lema va seguido de la acepción o acepciones portuguesas y a continuación la forma española en letra redonda y expandida, sin ningún tipo de abreviatura. En ocasiones añade

<sup>102</sup> A interpretação he dobrada, Portuguesa e Castelhana; e faltando a Castelhana, sabe que a mesma palavra sem nenhũa differença he Portuguesa e Casstelhana ao menos em quanto aas letras, e significação, posto que a pronuciação seja diversa; como Estrella, Donzella, Coolar, Ajudar, etc. Alem disso, em muitas palavras, que não estão expressamente nas sentenças, acrescentei mais significados para os Portugueses, que para os Castelhanos; porque estes as tomarão facilmente daquelles, pera os quaes principalmente se ordena a obra (Roboredo, 1621: 4)

<sup>103</sup> A interpretação Espanhola ajuntei sómente aas palavras que se conteem no contexto das sentenças, no qual foram também interpretadas. Assi que torno a dar aos Espanhoes a sua Ianua emendada, e acrescentada. E com cuidado tirei a muitas palavras a interpretação Espanhola, paraque se advertisse que nella concordava com a Portuguesa. (Roboredo, 1623: 47-53)

información prosódica sobre la cantidad vocálica y el lugar del acento así como información gramatical y menciona las autoridades de donde se han extraído los vocablos añadiendo ejemplos latinos. Como en las fuentes, y siguiendo la tradición lexicográfica, la categoría gramatical se reconoce por las desinencias verbales o casuales, excepto en el caso de palabras invariables que vienen señaladas mediante abreviaturas.

Amaro de Roboredo, por el contrario, organiza la microestructura, generalmente, de forma diferente a su fuente principal, pues el eje organizador de la entrada es la formación de palabras. En el lema no solo señala la cantidad vocálica, como en el *Calepino*, sino que distingue el lexema de los afijos mediante marcas tipográficas como guiones y las palabras simples de las derivadas por medio del uso de las mayúsculas y las minúsculas. A continuación remite mediante números romanos y arábigos al texto donde se ha ejemplificado el término. La significación propia va en primer lugar seguida de otras acepciones secundarias o metafóricas, introducidas por la expresión ‘Tomase por’. A la traducción portuguesa le sigue la española, precedida de la abreviatura *Hisp.* como en el *Calepino* y en otros diccionarios anteriores<sup>104</sup>. Siguiendo también la tradición lexicográfica, la categoría gramatical se reconoce por las terminaciones latinas, a excepción de las palabras invariables. Además de eso, Roboredo informa sobre el uso del vocablo y lo marca en el caso de que no lo encuentre documentado<sup>105</sup>. Por último, cabe comentar que aumenta el artículo con sinónimos, antónimos y combinatorias sintácticas y léxicas, aunque no de forma sistemática.

A esto hay que añadir que Roboredo utiliza con frecuencia el latín para definir, siguiendo la tradición medieval, aunque esto suponga dejar a un lado el portugués y el español y separarse de su fuente, como vemos en el ejemplo siguiente:

[2] CAESIM

BP: *Caesim. As cotiladas. A cochiladas*<sup>106</sup>

AR: *Caesim, per incisionem gladii*

CAL (1609): *Caesim, aduerbium significat cædēdo, siue per incisionem gladii (...) Hisp. Cortando, à cuchilladas, de miembro en miembro.*

Las diferencias técnicas entre ellos se pueden ver en los siguientes ejemplos:

Amaro de Roboredo

[3] *ĀRS, artis. f & Arte, ratio, seu via faciēdi; ponitur pro præceptis, doctrina, & studio. Artem parēre, efficere, tradere, definere: alicui catare a reproficisci: ad artem revocare, redigere; in ea versari; artes colere, percipere attibus aliquem inficere, tingere, instiruere, instruere, præditum esse, Iners, inertia, æ*

Bento Pereira

*Ars, tis, Arte, officio, ou engano. Artifex, cis. O official de algũa arte. 2 bre. inc. be. Vurg. A. Aen. Artificio, i, O artificio ou sotileza. 2 breve. ex. derivat. Artificiosus, a, um. Cousa que leua muito artificio. 2. 3. brev. ex derivat. pen. lon. ex The. G. Artificialis, σ le, O mesmo. 2. 3. brev. ex derivat. pe. lon. ex reg. 43.*

<sup>104</sup> Cada palavra tem hũa significação propria que vai no primeiro lugar e logo se seguem as mais significações, a que se estende per semelhança.

A interpretação he dobrada, Portuguesa e Castelhana; e faltando a Castelhana, sabe que a mesma palavra sem nenhũa differença he Portuguesa e Casstelhana ao menos en quanto aas letras, e significação, posto que a pronúciação seja diversa; como Estrella, Donzella, Coolar, Ajudar, etc. Alem disso, em muitas palavras, que não estão expressamente nas sentenças, acrescentei mais significados para os Portugueses, que para os Castelhanos; porque estes as tomarão facilmente daquelles, pera os quaes principalmente se ordena a obra (Roboredo, 1621: 4)

<sup>105</sup> A palavra, a que se ajunta autor, vem mais raramente ao uso. E aquella, a que se ajunta este final †, não tem autoridade Latina, que lhe eu achasse (Roboredo, 1621: 4)

<sup>106</sup> Se trata de una mala lectura de la fuente.

ĀRTĪFĒX, CIS, m. co. *Artífice*.  
 Artificium: opus, opera & ipsa ars.  
 Excogitare, componere, temere, tueri, tollere:  
 artificio simulationis erudite præsse.  
 Ārtifici-ālis, -āliter. Q. -ōsūs, -ōs

*Artificiosé, Artificiosamente, 2. 3. bre pen. lon. ex derivat.*  
*Artificialiter, O mesmo. 2. 3. brev. 5. lon ex derivat. pen.*  
*bre, ex reg. 49.*

[4]

Cōm – MŌDUM, I, 816. *Proveito, boa ocasião.*  
 Hisp. *Provecho, oportunidad.*  
 Incommodum.  
 commodum comparare, adipiscis commoda  
 capere, praeter mittere, oppugnare,  
 impedire, labefactare; commodis seruire,  
 consulare, officere: commodo tuu fiat, facere.  
 cōmmōdum, adv. & cōmmōdē.  
 Proveitosamente, abomtempo, ia agora.  
 cōmmōd-ūs, -tūs, -īsīmē, -ūlē

Commodum, i, *O proveito. Prouecho. 2. bre. Horat.*  
 2 Ep. 2 – publica commoda peccē  
*Commodus, a, um, Causa proveitosa. Prouechos o. 2.*  
*bre. [...]el. 28*  
*Que sit stella homeni commoda, qu[...]; mala.*  
*Commodē, Proueitosamente. 2. bre. ex deriuat.*  
*Commodulē, commodulō. Diminut. 2. bre. ex deriuat. Pen.*  
*Br. Ex reg. 82.*  
*Commoditas, atis, o proveito. 2. [...] Ouid. Ep. 16.*  
*Cogitur ipsius commoditate [...]ui.*  
*Commodo, as, Aprouear ou emprestar. 2. bre. Stat. 4.*  
*Theh.*  
*Sitne gener, cui bella fauent, cui commodat ira.*  
*Commodarius, ij, Aquelle a quem se empresta. 2. bre. 3.*  
*lon. ex deriuat. 4 lon. ex reg. 14.*  
*Commodo, as, Fequent. 2. bre. Ex deriuat. pen. bre. ex*  
*reg. 46.*

[5]

DĒ – ĪNTĒGRO aduer. 1045. *De nouo, desde*  
*principio. Hisp. De nueuo, de comienço*

Deintegrō, *De nouo. De comienço.*

4. En cuanto a la relación de los dos vocabularios con su fuente principal, hay que destacar que, especialmente en el caso de Roboredo, no se trata de una mera copia del *Calepino*, sino del resultado de tres acciones: por un lado, una labor de reorganización de los artículos, atendiendo, tal como se ha explicado, a la formación de palabras; por otro, de una adaptación al portugués de las acepciones presentes en la obra del italiano, en ocasiones ampliadas con fuentes secundarias o con el conocimiento del propio autor; y, por último, de una “actualización” de los datos más acorde con la realidad de su época, al menos en lo que atañe al español. De ahí el interés de los vocabularios de Roboredo<sup>107</sup>.

<sup>107</sup> Para el presente estudio nos basamos en el análisis y cotejo entre distintos diccionarios de las palabras que se encuentran bajo la letra A y el listado de adverbios. Hemos utilizado las ediciones del *Diccionario* de Calepino de 1555, 1570, 1609 y 1616, en estas tres últimas con traducción al español. La comparación de los hispanismos presentes en las distintas ediciones de la obra de Ambrosio Calepino muestra diferencias en la grafía de los vocablos, pero no en las definiciones. Dentro del ámbito hispánico, hemos empleado la edición del *Diccionario latino español* o *Lexicón* de Nebrija, de 1492, base de la parte española del Calepino (Colón-Soberanas, 1979: 9) y la edición ampliada del diccionario nebrisense de 1512, publicada en 1615. En ocasiones, para poder contrastar la vigencia de un término, hemos consultado los diccionarios bilingües y monolingües que recoge el *Nuevo Tesoro Lexicográfico de la Lengua Española* (NTLLE) (2001) y varios corpus de referencia como el *CORDE* (*Corpus Diacrónico del Español*) y el *CREA* (*Corpus del Español Actual*).

4.1. Al comparar las entradas del diccionario de Bento Pereira (1634) con la edición de 1623 de Roboredo, se observa que el segundo es más prolijo en la parte definitoria. Esto lo consigue mediante varios procedimientos:

a) Amaro de Roboredo traduce y adapta al portugués las distintas acepciones y sentidos que se encuentran en el *Calepino*.

a.1. En estos casos, si la acepción portuguesa es similar a la española, incorpora las formas hispánicas, que toma del *Calepino*, aunque reducidas en su extensión, es decir, sin un complemento especificador, por lo que adquieren valor polisémico, como ocurre en el caso de ABAX, CIS (ABACUS, I), mientras que la tendencia de Bento Pereira es reducir el número de significados en español a uno solo.

[6] ABAX

BP: Abax, cis. *O mesmo que Abacus, i.*

Abacus, i. *A copeira, ou mesa de contar. Aparador de la plata, ô vasos 1. 2. br. sat 3. Ornamentum abaci, nec non & paruulus infra.*

Abaculus, i. Dimut. De Abacus, i. I. 2. bre. ex. der. pen. bre. ex nostra regula 9

AR: ĀBĀX, acis, m & ābācūs, i m. 743. *Copeira, mesa de copa, taboa para escrever, ou contar. Hisp. Aparador, tablilla.*

Ābācūlūs, i.

Si comparamos las entradas de ABAX, CIS (o ABACUS, I) de los dos lexicógrafos portugueses con su fuente y con otros diccionarios del ámbito hispánico, podemos comprobar que Roboredo sigue al lexicógrafo italiano y este, a su vez, retoma solo en parte las acepciones presentes en Nebrija, dado que no aparece el significado relativo al juego del ajedrez.

CAL (1570, 1609, 1616): Idem est quod abacus, hoc est mensa vel tabula, in qua aliquid deponitur: quales sunt mensae coquorum, in qua disci, aliaque id genus exponuntur. Hisp. *Aparador de vasos, o sobre mesa del aparador.*

Item tabula calculatoria, in qua Logistae números & Mathematici líneas suas ducunt. Hisp. *Tabla pequenna para scriuir ô contar.*

Item tabula quadrata, que epistylis columnarum supponitur. Sunt praeterca Abaces, vasa quaedam viliora, in quibus pretiosiora reponuntur. Hisp. *Aparador à cosas preciosas.*

Nebrija (1492):

Abax, acis. por aparador o ataifor morisco

Abacus. i. por el aparador delos vasos.

Abacus, i, por la tabla para contar.

Abaculus. i, por pequeño aparador o tabla.

Abaculus, i, por trebejo o escaque del axedrez.

a.2. Otro procedimiento ampliamente empleado por Roboredo consiste en incorporar las distintas acepciones presentes en el *Calepino* tan solo para el portugués y mantener como hispanismos las interpretaciones españolas que aparecen en la fuente. De esta manera, la parte española aparece sin modificaciones con respecto a esta, es decir, se limita a copiar e incluso a veces a reducir las acepciones españolas. En estos casos al comparar con otros diccionarios del ámbito hispánico, se pone de manifiesto que, aunque la base del *Calepino* es Nebrija, el diccionario italiano no registra todas las entradas del *Lexicón* nebrisense. Los ejemplos son abundantes:

[7] ADIGO

BP: Adigo, is, egi, actum. *Constranger. C o n s t r a ñ i r . 1. 2. br. Virg. 4. Aen.*

*El pater omnipotēs adigat me fulmine ad vmbras.*

AR: Ād-ĪGO, is, egi, actum, ac. 654. *Constranger, empuxar. Hisp. Constreñir.*

CAL (1616): Adigo, is, egi, actum. Penult . corr. Ex Ad & Ago, act. t. Cogo, vi impello. Hispan. *Constreñir o empuxar*.

Nebrija (1492): Adigo, is, egi. por empuxar o costreñir.

La acepción de ‘empuxar’, registrada en Calepino y en Nebrija, falta en los dos autores portugueses.

[8] ADVERTO / ADVIRTO

BP: Aduerto, is, ti sum. *Virar para algũa parte, ou attentar*

AR: Ād- VIRTO, is, ti sum, ac. 19. *Virarse para algum lugar, advertir, entender, considerar*. Hisp. *Bolverse hazia a otra parte*. Aures, oculos, mentem animum agmen huc aliquô: interdū dativo.

Advertere animo: pro diligenter cōsiderare.

Advertere in aliquem: pro punire aliquem

Adversus

CAL (1609, 1616): Advirto, is: Ad aliquem locum verto. Hisp. *Bolverse hazia outra cosa*. Transfertur quoque ad animum: ut, advertere animum (Ang. *To consider*)

Nebrija (1492): Aduerto, is: por bolver algo hazia outra cosa.

En este artículo Roboredo registra las acepciones de ‘advertir’, ‘considerar’, ‘entender’ de Calepino, pero mantiene sin modificar la parte española.

[9] ASELLUS

BP: Asellus, i, *Asninho*. I. bre. . Ouid. 11. Met.

Inditurq; aures lentè gradieatis aselli.

AR: ĀSĪNŪS, i. m. 83. *Asno*.

Āsīna, æ, *Burra*. Āsēllā, æ. Dim.

Āsēllūs, i. m. 1097. *Asninho, tomase pola pescada por ser da mesma cor, e por hũa estrella*. Hisp. *Asnillo, i pescada*.

Āsin-inūs- ārius, ij. qui asinos pascit.

CAL (1609, 1616): Diminutivum ab asinus. Hispan. *Asnillo, pequeño asno*. Asellus etiam est nomen piscis sic dicti quod sit colore cineritio, sicut asinus, quem vulgo Merlusium VOCAMUS. Est nomen duarum stellarum in signo Cancri.

Nebrija (1492): Asellus. i. por cierto pescado como raia.

Asellus. i. por pequeño asno.

Aselli. orum. por dos estrellas en el signo de cãcer

Aunque registrada por Nebrija, ni Calepino ni Roboredo incluyen la acepción de ‘dos estrellas en el signo de cáncer’ para la parte española de sus respectivos diccionarios.

**a.3.** Lo dicho en el apartado anterior no es, sin embargo, aplicado de forma sistemática. De hecho, Roboredo también redacta el artículo introduciendo las interpretaciones portuguesas y españolas para las distintas acepciones del *Calepino*, aun cuando en la fuente no se recoja la forma española para acepciones propias de determinadas esferas de la realidad. Esta reelaboración conlleva la modificación de la parte española, tal como anunciaba en el *Prólogo*<sup>108</sup>:

[10] ACIES

BP: Acies, ei. *A vista dos olhos, gume da espada, ou exercito*. Hilo de cosa aguda; vista, ô exercito, i. 2. r. Ouid. 3. Met.

Primaq; de sulcis acies, comparnit hasta.

AR: Ācīes, ei. f. 614. *Ponta, ou fio de ferro agudo, agudeza de ferramenta*. His. *Punta, o hilo de cosa aguda*. 816. *Esquadrao, exercito cõposto, agudeza de vista, e dẽ ingenho*. Hisp. *Esquadron, agudeza, ingenio*. Vide acuo. Si ad oculos. Acīē exercere, dirigere, deflectere, abducere, prestringere, perstringere, hebescere. Si ad bellum

<sup>108</sup> Ver nota 9.

Acie[m] exornare, instruere, instituere, statuere, dirigere, collocare, firmare, exigere, porrigere, promovere, sistere; inclinare, Iu aciē procedere, pindire, educere, producere; acie excedere.

CAL (1609, 1616): Acies, ei. f. q. tria significat, primò acumen falcis, gladii & similiarum quae /secant. Gal. *La pointe ou taillant d'une espee ou autre glaine*. Ital. *Il tagglio o punta di coltello, & cose simili*. Hisp. *Hilo o punta de cosa aguda*. Acciem Ferri exterere, acciem trahere. / Secundo, Exercitus instructus<sup>109</sup>/ Tertiò, oculi lumen<sup>110</sup> Per translationem, Acies sumitur pro ingenii perspicuitate. Acies orationis, acies auctoritatis

Nebrija (1492):

Acies, ei. por haz batalla de armados.

Acies oculorum. por la vista de los ojos.

Acies ferri. por el agudeza o hilo del hierro.

ACIES es un ejemplo de actualización o modificación de la parte española, pues aparecen los tres significados enumerados en la versión del *Diccionario* de Calepino consultada (1609, 1616), a pesar de que esta no incluya los hispanismos en las dos últimas acepciones.

**b)** La reelaboración del artículo puede consistir también en retomar varias entradas del *Calepino*. En ACICULA. Roboredo recoge en un mismo artículo, las dos entradas que se encuentran en el *Diccionario* del italiano, sin tener en cuenta la diferencia de significado basada en la cantidad vocálica.

[11] ACICULA

BP: Acicula, æ. *Alfineite, ou agulba pequeña, ou peixe agulba*. Alfiler ô aguja pequeña. ex. acus. 2. 3. br. ver adicula.

AR. Ācīcūlā, æ +. f. 614. *Alfēnete, agulba, peixe agulba e huã herba*. Hisp. *Alfiler, aguja*. Vide Acus.

CAL (1609, 1616): Dos entradas distintas.

Ācīcūlā, Formatione, non significatione, diminutivum abacu, ut inquit Priscianus. Est spinula quaedam ex ferro vel alio metallo, quandam acus similitudinem referens, qua utuntur mulieres ad ornatum capitis. Gal. *Espingle*. Ital. *Abo do capo, lo spiletto*. Hisp. *El alfílea o águia pequenna*.

Ācīcula. Est piscis tenuis ac longus, qui & Acus dicitur. // Est & herba hujus nominis, incultis in locis sponte sua nascens, plebis Atheniensis quotidianus o lim cibus, odore ad daucum, reliqua similitudine ad chaerephillum accedens, exerta habens in vértice cornicula, quae acus effigiem repraesentant: à quo habitu a Romanis vocata est Acicula, resté Diosc.

Nebrija (1492):

Acicula. e. por el alfiler o aguja pequeña.

**c)** La prolijidad que caracteriza la obra de Roboredo frente a la de Bento Pereira tiene su manifestación, asimismo, en la presencia de definiciones enciclopédicas, debido al propósito didáctico de la obra. Si bien no incluye los nombres propios, a diferencia del autor de la *Prosodia*, Roboredo se detiene en la explicación de aquellos términos (tecnicismos, cultismos de origen griego, ...) presentes en algunos ámbitos específicos (anatomía, filosofía, ...), que considera de difícil comprensión o que aún no han sido introducidos en el uso común de la lengua. De esta forma, modifica también en ocasiones la parte española.

Del ámbito médico anatómico:

[12] ARTERIA

BP: Artería, æ. *A arteria vea*. Donde passa el ayre. E. lon. Lucret. 4.

Asperiora foras gradicus arteria clamor.

AR: ārteria, æ. f. 966. *Arteria, vea que sãe do coração e pela qual vai o sangue mais puro com o espirito vital a todo o corpo: encima das artérias vão situadas as veas*. Hisp. *Arteria, vena*.

CAL (1609, 1616): Vena vitalis seu semita, in qua est vitalis spiritus.

<sup>109</sup> La traducción no se encuentra en francés, español o italiano, solo alemán, griego, belga, polaco, húngaro e inglés.

<sup>110</sup> La traducción solo en griego, alemán, belga, polaco, húngaro e inglés.

Hispan. *Donde passa el ayre*. Gal. *Artere*, ital. *Arteri*, *la canna de la gola*, *strozza*.

Arteria est, inquit, conceptaculum spiritus naturalis misti confusique cum sanguine, in quo plus spiritus est & minus sanguinis, quae motu atque pulsu habitum & modum febrium demonstrat. Antiqui arterias vocant pulsus. Super arterias locantur venae, praeterquam in dorso, in quo magna arteria est posita super venam....

Nebrija (1492):

Arteria, ae. por el artéria o vena de aire

Mientras Bento Pereira mantiene la forma presente en Calepino, Roboredo incorpora el tecnicismo *arteria* para el español, tecnicismo ya registrado en el *Lexicón* nebrisense.

Del ámbito jurídico:

[13] APPARITOR

BP: Apparitor, oris. *O ministro dos iuizes, ou corregedores*. pen. bre. ex Thes. Pendent in Romano.

Apparitores sed furenti suggerunt.

AR: Āpparītor, oris. M. 698. *Qualquer oficial que apparecia diante o Magistrado para executar seus mandados: que entre nos he porteiro, meirinbo, alcaide, escrivão, fiscal*. Hisp. *Portero, aguazil*. Maiorinus: *Palavra antiga de Espanha donde nasceu chamar se meirinbo*.

CAL (1616): APPARITORES. Satellites, stipatores, & ministri magistratum. Dicti sunt quo appareant & praesto sint ad obsequium. Hisp. *Que estan em pie para servir a outro*. Intelliguntur autem apparitorum nomine omnes qui magistratui apparere solent, ut scribae, accensi, interpretes, lictores, viatores, praecones. . .

Nebrija (1492): apparitor, oris. por el que esta en pie delante otro.

Cultismos de origen griego y latino de varios ámbitos (eclesiástico, literario...):

[14] ANATHEMA

BP: Anathema, *Columnas de prata, ou peãs ricas que nos templos se offerecem*. pen. long. ex Craco. 1. 2. bre. ex composit Graec.

Anathema. *Homem, cuja cabeça os antigos offerecião aos deoses infernais, tomase pello escomungado*. pen. bre. ex Graco. Primam et secun[d]am bene. p en. male. prod. Prudent.

Dum vetitis anatema legens anathema sanillis.

AR: ĀNATHĒMĀ, tis. n. accentu in antepen. *Maldição abominação offerta ou dom que se dependura no templo destrui[ç]ão excommunhão*. Hisp. *Descomuniõ, maldicion*. Aliqui adiectivum etiam, id est maledictum dicunt. Eccl.

CAL (1609, 1616): Detestatio, execratio. Gal. *Excommunication, execration*. Ital. *Scommunica*. Hispan. *Descommunion*. Ponitur interdum pro donario, quod dies suspenditur in columna, vel pariete templi: hoc est, reponendo vel suspendendo: aut certe ab eo, quod nefas esset ea loco movere. / Homines quoq. Sacri, quorum capita deorum alicui dicata sunt.

Nebrija (1492): Anatema. por la excomuniõn

[15] AESTIVA

BP: Aestiva, orum. *Os lugares em que se passa o estio*. 2. Lon. Virg. 3. Geor. Se tota aestiva repente.

AR: Aestiua, orum. N. 1004. *Alojamentos de verão, lugares sombrios em que gados e soldados passão as calmas*. Hisp. *Aloxamientos de verano*.

CAL (1609, 1616): Aestiva, orum. Pluraliter, n. s. dicuntur loco umbrosa, nemorosa in quibus per aestatem vitatur Solis ardor. Gall. *Lieux pour se mettre à l'ombre em este*. Ital. *Ombria meriggio*. Hispan. *Lugar fresco para tener el estio*. // *Aestiva* castra dicuntur in quibus aestate milites degunt, quemadmodum Hyberna, in quibus hyemem transigunt.

Nebrija (1492): Aestivus. as. por tener estio en algún lugar.

Aestiva. orum por lugar para tener estio.

Dado que en estos casos la información enciclopédica se ofrece en portugués, Roboredo no ve necesario su repetición en español de forma que se limita a ofrecer una palabra o sintagma que exprese el significado.

**d)** Por último, Roboredo amplía la parte definitoria al añadir mayor número de sinónimos, en especial locuciones, sobre todo para el portugués, de manera que alarga la glosa.

[16] DILIGENTER

BP: Diligenter, *com cuidado*

AR: Diligenter, *Diligentemente, com diligencia, com cuidado.*

**4.2.** Del análisis del tratamiento de las formas en español destacan algunos aspectos que caracterizan la obra de Roboredo frente a la de Pereira: la modificación de las interpretaciones españolas, la actualización de las mismas con elementos tomados de la realidad y, al mismo tiempo, el mantenimiento de formas hápax o desusadas debido al sistema de transmisión lexicográfica.

**4.2.1.** El procedimiento más frecuente consiste en la modificación de la forma hispánica mediante:

**a)** La generalización o extensión del significado del hispanismo (modificación léxica o semántica):

**a.1.** por medio de la sustitución de un término concreto por un sintagma de extensión más vaga.

[17] ABIES, ETIS

BP: Abies, etis. *A faya*. 1. 2. bre. Virg. 8

Labitur uncta vadis abies, mirantur et vade.

AR: ĀBIĒS, etis. F. 648. *Abeto, especie de pinheiro*. Hisp. *Cierto pino*.

CAL (1609, 1616): Arbor est altissima rectissimaque, cujus pars inferior enodis, Sapinus vocatur: superior verò nodosa duriorque, susterna (francés e italiano *sapin, sappo*. Hisp. *Abeto, arbol*.)

Nebrija (1492): Abies, etis. por cierto arbol de especie de pino.

**a.2.** por medio de la supresión de los complementos en las palabras polisémicas, como en ABAX, CIS.

[18] ALA

BP: Ala, ae, *A aza dos passaros. A gente de cauhallo. O sobaco dos braços*. 1. lon. Virg. 8.

-pedibus Timor addidit alas sed Lipp. 4

AR: ĀLĀ, ae. f. 717. *Asa de ave, e persemelhança a de hervas settas, animaes, e sobaco, e velas, e esquadrão de cavallo espalhado*. Hisp. *Ala*. Compendium Axillae esse ait Cic.

CAL (1609, 1616): ĀLĀ, ae Qua aves volant. Hispan. *El ala del ave o cosa que buela*. Alas addere alicui dicuntur proverbiali figura, qui verbis alicui addunt animum & in spem bonam erigunt. //Cicadam ala corrupuisti [...] proverbialiter dicitur in cos, qui quempiam provocant minimè ex usu; nam si cicadam natura garrulam alaprehendas, clarius obstrepit. //Intersectionis ala, de subito interitu dii solutum. Sumpta metaphora ab alatis jaculis, quae repente mortem afferunt, vel [...], quod ipsa mors sit alata. *Zenodotus*. A cujus similitudine Ala etiam dicitur locus ille concauus subter brachium in homine, quia in eo pili quase pennae nascuntur. Hispan *sobaco*. Pro eodem etiam Axillam dicimus: eoque vocabulo antiqui solum utebantur. Nam Alae appellatio recentior, est fuga vastioris literae ex Axilla efficta, ut satis docet Cicero in Oratore, his verbis: Quinetiam verba saepe contrahuntur, non usus causa, sed aurium. Quomodo autem vester Axila Ala factus est, nisi fuga literae vastioris? // Praetarca ala dicta est equitum turma quod pedites tengant alarum vice. Nam in equitum ordinibus circum legiones dextra sinistraque tanquam alae in avium corporibus locantur. Hispan. *Ala de la gente de Cavallo tendida*. Alae etiam navium dicuntur: ut velorum pandimus alas. //Ala in herbis dicitur cauus inter caulem & ramulos anfractus, unde sinuatim nova proles egreditur, facta ab humanis alis translatione. / Alae pro velocitate figuratè ab effectu, quia aliae avibus velocitatem faciunt.

Nebrija (1492):

Ala, ae. por el ala de ave o cosa que vuela.

Ala, ae. por el aladar dela sien.

Ala, ae. por lo cóncavo del sobaco o pelos del.

b) La reducción a una única acepción para el español de las varias registradas en Calepino, como en ADIGO.

[19] ACCINGO

BP: Accingo, is, xi, ctum. *Aparelhar. Aparejarse*

AR: ĀC-CĪNGO, is, xi, ctum: ac. & abl. 878. *Aparelhar, aperceber, por abas na cinta, cingir.* Hisp. *Aparejar. Operi;* ad rem aliquam: in dilerimen accingere.

CAL (1609, 1616): ĀC-CĪNGO, is, xi, ctum: Ad & cingo. Instruo, armo, fere cum ablativum jungitur: ut, accingere se armis, ferro ense Hispan. *Poner baldas in cinta, appareiarse à fazer alguna cosa.*

Nebrija (1492): Accingo, is. por poner baldas en cinta.

c) La actualización de la parte española mediante la ampliación del número de acepciones, la incorporación de cultismos o la adaptación a la realidad española de su época.

c.1. La ampliación de las acepciones en la parte española por traducción de los diferentes significados presentes en Calepino, como en ACIES, no es el recurso más frecuente en Roboredo pero muestra el esfuerzo del lexicógrafo portugués por ampliar y mejorar el diccionario de Calepino, tanto para españoles como para portugueses.

c.2. La incorporación de cultismos, tanto en español como en portugués, pone de manifiesto el conocimiento que el autor tenía de la realidad de la época.

[20] AFFINITAS

BP: Affinitas, tis: *O parentesco por parte de cunbadio.* 2. lon. ex. deriu. pen. bre. ex. reg. 21.

AR: Āffinītās, tis. f. 23. *Cunbadio, parentesco per casamento.* Hisp. *Afinidad.* Iungere affinitate; affinitate aliquem attingere, se cum aliquot devincire.

CAL (1609, 1616): Āffinītās, tis. Propinquitas ex cognati nuptiis contracta, vel hominum affinium inter ipsos conjunctio. Hispan. *Parentesco de matrimonio.*

Nebrija (1492): Affinis. e. pariente por casamento.

Affinitas. atis. por aquel parentesco.

c.3. En apartados anteriores, se ha visto que Amaro de Roboredo no solo se limita a copiar la información que ofrece Ambrosio Calepino en las distintas ediciones de su *Diccionario*, sino que añade nuevos datos fruto de su experiencia o de su análisis de la fuente.

Un ejemplo de ello es el caso del adverbio CLAM, ausente en la *Prosodia*, al que Roboredo añade acepciones que se encuentran en otras entradas como CLANCULUM y que responden a la realidad española, como se comprueba al consultar los diccionarios bilingües coetáneos así como el corpus de locuciones trabajadas.

[21] CLAM

AR: CLAM: præp. ac. uel ab. 623 *Aas escondidas, escondidamente.* Hisp. *A escondidillas, secretamente.*

CAL (1570, 1609, 1616): CLAM: *Oculto i escondidamente.*

CLANCULUM: *A escondidillas.*

Nebrija (1492): Clam. prepositio. por a escondidas.

Clam. aduerbium. por escondida mente

Clanculum. Aduerbium. por a escondedillas.

Lo mismo ocurre con LIBENTER al que añade acepciones para el español que no se encuentran en Calepino, pero sí en Nebrija.

AR: LĪBĒNTĒR 365. *De boa vontade, voluntariamente.* Hisp. *Placentera i ganosamente, de gana.*

CAL (1570, 1609, 1616): LĪBĒNTĒR *Plasentera i ganosamente.*

Nebrija (1492): Libenter. Aduerbium. por de buena gana

4.3. Por último, el vocabulario de Roboredo es ejemplo asimismo de mantenimiento de formas hápax o formas desusadas que se perpetúan debido al sistema de transmisión lexicográfica. Un ejemplo es el caso de la traducción al español de ABDOMEN. Al contrario que Bento Pereira que no incluye la forma española, Amaro de Roboredo se limita a copiar a Calepino:

[23] ABDOMEN

BP. Abdomen, nis, *Vnto, ou gordura de ventre.* r. lon. 1. lon. incr. bre. Iun. gat. 2.

[. . .] *Bonam tenera placant abdomine porca.*

AR: Ābdōmen, nis. N. 279. *Gordura de rijs e ventre, unto, enxundia, pingē;* tomase pola gula. Hisp. *Vntaza, enxundia, gordura, i gula.* Pro gula dicitur sic: Abdomini natū esse; operare dare, indulgere, inseruire,

CAL (1609, 1616): Ābdōmen, nis. Penult. producta. À medicis rei anatomicae petitis vocatur extima totius ventris pars, totumque illud quod intestina regit, cute, adipe, musculis octo & peritoneao compactum, totum illud spatium comprehendens, quod est à cartilagine mucronata, nothisquē costis, usque ad ilia atque ad ipsum usque os pūbis. Hispan. *La vntanza ò enxundia de animales como de los puercos.* //Ipsa autem ilia inter coxas & pubem in imo ventre posita sunt, à quibus à pube abdōmen sursum versus ad praecordia pervenit, ab exteriori parte evidenti cute, ab interiori levi membrana inclusum, quae omento jungitur, [...] à graecis appellatur. Dictum autem videtur Abdomen, quòd sub cute abditum sit, Et quoniam pars haec ventris adiposa est, sit ut passim apud scriptores [...] Abdomen accipiatur pro adipe, vel quavis ventris pinguetudine. Porcae sumen optimum, si modo foetus non hauserit. Antiqui Abdomen vocabant Vide de eo plura in dictione sumen. Per translationem aliquando Abdomen positum invenitur pro gula & ventris ingluvie.

Nebrija (1492):

Abdomen, nis. por enxundia o untaza.

Abdomen, nis. por la ijada gruessa del pescado.

Colón-Soberanas (1979: 12-13) incluyen entre los derivados que no han pasado al vocabulario de 1495, la forma *untaza*, de *untar*. Por este motivo, y siendo la base de los diccionarios bilingües del español con otras fuentes el *Vocabulario nebrisense* y no el *Lexicón*, la forma *untaza* la registra tan solo Nicolás Mez de Braidenbach (1670) entre los diccionarios anteriores al académico. En 1739, la Academia utilizará el *Diccionario latino-español* de Nebrija y de ahí la transmisión de esta forma creada en los diccionarios académicos posteriores y en aquellos no académicos que lo toman como fuente hasta la actualidad<sup>111</sup>. No obstante, a pesar de estar registrada tan ampliamente en la lexicografía hispánica, se trata de una forma hápax introducida en el *Lexicón*, pero inexistente en el corpus de textos de la época<sup>112</sup>.

5. Para concluir, aunque insertos en la tradición lexicográfica latino-romance de cariz didáctico, las obras de Amaro de Roboredo y del padre Bento Pereira adquieren importancia en el panorama de las lexicografías lusa y española por ser las primeras obras en que se ponen en contraste estos dos romances ibéricos. Si bien no puede hablarse propiamente de diccionarios bilingües o trilingües, como el Bluteau (1721), dado el carácter enciclopédico y didáctico, las constantes referencias prosódicas y gramaticales, el empleo del latín para la definición o las citas latinas entre otros aspectos, estos vocabularios se convierten en fuentes lexicográficas imprescindibles para el estudio contrastivo del portugués y del español en este período de codificación gramatical y léxica en el que los diccionarios son herramientas eficaces en la transmisión y fijación de la norma. Asimismo, son relevantes para el estudio de la Lexicología y la Fraseología Históricas pues las referencias al uso, la pronunciación, a los

<sup>111</sup> Salvá (1846) la marca como antigua; Zerolo (1895) la marca con un asterisco, que indica que la Academia tiene adoptado ese vocablo en la forma, pero la definición no coincide con ella. Datos extraídos del *Nuevo Tesoro Lexicográfico del Español* (NTLLE).

<sup>112</sup> La consulta del CORDE (Corpus Diacrónico del Español) y del CREA (Corpus del Español Actual) no ha dado ningún resultado para la forma *untaza*. [Consulta, 20/09/2009]

cambios formales y semánticos de las variantes clásicas, los procedimientos de adaptación y modificación a las dos lenguas de las palabras latinas o la presencia de locuciones nos permiten un mejor conocimiento del español y del portugués clásicos.

Por otra parte, el cotejo pormenorizado de parte de los hispanismos presentes en las obras de estos dos autores con su fuente principal, nos lleva a concluir que además del *Diccionario* de Ambrosio Calepino, los lexicógrafos portugueses, especialmente Roboredo, tuvieron en cuenta otras fuentes secundarias o sus propios conocimientos del idioma español en un contexto histórico y cultural de estrecha relación entre ambos países.

Por tanto, todas estas razones justifican suficientemente el interés por estos vocabularios.